



**Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen**

**Transição para a paternidade durante a  
pandemia da COVID-19: experiências paternas  
e repercussões na conjugalidade**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do  
Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro  
Janeiro de 2022



**Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen**

**Transição para a paternidade durante a  
pandemia da COVID-19: experiências paternas  
e repercussões na conjugalidade**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Terezinha Féres-Carneiro**  
Orientadora  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Andrea Seixas Magalhães**  
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Prof. César Augusto Piccinini**  
UFRGS

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 2022

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen**

Graduou-se em Psicologia na PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2019. Integrante do LEFac-Laboratório de Estudos em Família e Casal desde 2016.

#### Ficha Catalográfica

Halkjaer-Lassen, Alessandra Furtado Teixeira

Transição para a paternidade durante a pandemia da COVID-19 : experiências paternas e repercussões na conjugalidade / Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen ; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2022.

46 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2022.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Paternidade. 3. Pai. 4. Transição para paternidade. 5. Conjugalidade. 6. Pandemia. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

## Agradecimentos

À minha orientadora Terezinha Féres-Carneiro, por todo apoio ao longo do meu caminho acadêmico, sendo minha maior fonte de inspiração e orgulho.

Ao CNPq, pelo auxílio concedido para a realização deste estudo.

À professora Andrea Seixas Magalhães, pela disponibilidade carinhosa e importantes contribuições para este estudo.

Ao professor César Augusto Piccinini pela atenção e contribuições enriquecedoras na Banca de Qualificação.

Aos participantes desta pesquisa, pelo generoso compartilhamento de suas experiências.

Às amigas Paula Campos e Luana Estrella, por todo apoio.

Aos professores e funcionários da PUC-Rio.

Às colegas do grupo de orientação, por toda troca afetiva e acadêmica.

A toda equipe de pesquisa do LEFaC-Laboratório de Estudos em Família e Casal da PUC-Rio, coordenado pelas professoras Terezinha Féres-Carneiro, Andrea Seixas Magalhães e Rebeca Nonato, pela parceria e apoio.

Ao meu marido e maior incentivador, por todo amor, acolhimento e aplausos.

À minha filha Olívia, por carinhosamente compartilhar o tempo que seria seu com este trabalho.

À minha mãe Leci (*in memoriam*) e ao meu pai Antonio Carlos, pelos esforços e dedicação ao longo do meu percurso, que me deram a base para buscar meu próprio caminho.

À minha irmã Ana Cristina, por silenciosamente torcer por mim.

## Resumo

Halkjaer-Lassen, Alessandra F. T.; Féres-Carneiro, T. **Transição para a paternidade durante a pandemia da COVID-19: experiências paternas e repercussões na conjugalidade**. Rio de Janeiro, 2021. 46p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem como objetivo geral investigar a experiência de pais de crianças pequenas, ao longo do período de isolamento social imposto para contenção da pandemia da COVID-19, e suas repercussões na conjugalidade. Considerando que o período de transição para a parentalidade é definido pela literatura de família e casal como especialmente carregado de desafios para a família nuclear e ampliada, e que os estudos sobre a ótica paterna se encontram em menor número quando comparados aos estudos sobre a díade mãe-bebê, foram entrevistados 10 pais primíparos, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas ao método de análise de conteúdo, na modalidade categorial temática. As análises foram realizadas sob a perspectiva sistêmica de família e casal articulada a conceitos psicanalíticos. Os resultados mostraram que o isolamento social decorrente da pandemia foi percebido como positivo para o exercício da paternidade de pais de crianças pequenas, uma vez que aumentou o tempo de disponibilidade de interação pai-filho. Já em relação ao casal conjugal, os resultados mostraram que o isolamento social decorrente da pandemia foi percebido como um fator de estresse sobreposto aos desafios já inerentes ao período.

## Palavras-chave

Paternidade; pai; transição para paternidade; conjugalidade; pandemia; COVID-19.

## **Abstract**

Halkjaer-Lassen, Alessandra F. T.; Féres-Carneiro, T. (Advisor). Transition to parenthood during COVID-19 pandemic: paternal experiences and repercussions to the conjugality. Rio de Janeiro, 2021. 46p. Masters's thesis. Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This paper's general objective is to investigate the experiences of fathers of small children during the isolation period imposed by the Covid-19 pandemic and the repercussion of this period in conjugality. Considering the couples and family literature defines the transition period to parenthood as a particularly defying one to both nuclear and expanded families, and that studies focusing on the fathers experience are vastly outnumbered by those studying the mother child relationship, 10 subjects of first born children from Rio de Janeiro who are white, heterosexual and middle class, were interviewed for this paper. The interviews were recorded, transcribed and submitted to the thematic categorial content analysis method. The analysis were conducted within the systemic family and couple perspective articulated with psychoanalytical concepts. The results showed that the social isolation imposed by the pandemic was perceived as being positive for fatherhood, as subjects had more time available to interact with their children. In regards to the couples relationship, the results show that the isolation imposed by the pandemic was perceived as being an added stress factor to the already difficult period for the subjects.

## **Key words**

Fatherhood; father; transition into fatherhood; conjugality; pandemic; COVID-19.

## Sumário

Introdução .....	8
Artigo 1. Envolvimento de pais de crianças pequenas na pandemia de COVID-1 .....	10
Resumo .....	10
Introdução .....	10
Método .....	15
Resultados e Discussão .....	16
Considerações Finais .....	20
Artigo 2: Transição para a paternidade na pandemia: percepção paterna sobre a conjugalidade .....	22
Resumo .....	22
Introdução .....	22
Método .....	27
Resultados e Discussão .....	28
Considerações Finais .....	32
Conclusão .....	34
Referências .....	36
Anexo I. Ficha de Avaliação Biográfica.....	43
Anexo II. Roteiro da Entrevista.....	44
Anexo III. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	45

## Introdução

O nascimento do primeiro filho é uma das etapas mais importantes vivenciadas pelo grupo familiar. As vivências infantis de cada um dos cônjuges se reatualizam, de forma que os valores e tradições familiares de cada um dos membros do casal passam a ter que interagir com os do outro, para que cheguem a uma decisão comum de como educar o novo integrante da família (Bowen, 1978, Carter & McGoldrick, 1995). De acordo com Carter e McGoldrick (1995), este seria o período de maior desafio para o casal e para a família ampliada. Os cônjuges deixam de ser apenas marido e mulher, passando a rearranjar sua relação conjugal, acumulando funções do casal parental.

Os estudos de família e casal por muitos anos dedicaram especial atenção à diade mãe-bebê, em diversos contextos. No entanto, não há como desconsiderar a importância do papel paterno no desenvolvimento emocional saudável das crianças. Ao longo dos anos, os aspectos atribuídos ao exercício da paternidade vêm sendo ampliados, e podemos observar a paternidade contemporânea flexibilizando referenciais tradicionais de apoio financeiro e instrumental, através de uma contribuição emocional mais participativa (Gomes & Resende, 2004; Negreiros & Féres-Carneiro, 2004; Silva & Piccinini, 2007). Historicamente, os papéis femininos e masculinos, inclusive no seio familiar, são diretamente influenciados pelo contexto cultural.

A partir de 1960 a denominada família contemporânea surge, trazendo a afetividade como um referencial essencial à sua constituição (Roudinesco, 2003). Com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, fez-se necessário readequar os papéis parentais, convocando-se os homens aos trabalhos domésticos e cuidados com os filhos (Rocha-Coutinho, 2003; Gomes & Resende, 2004; De Oliveira & Silva, 2011). Na mesma época em que o conceito de maternidade instintiva e inata era contestado, começaram a surgir discussões em torno do conceito de parentalidade, que passa a destacar a importância da tríade pai-mãe-bebê nas mais diversas configurações familiares. No entanto, ainda que as famílias contemporâneas convivam em múltiplos arranjos, os estereótipos de gênero ainda são prevalentes na literatura sobre parentalidade. É inegável que o interesse sobre a paternidade vem ganhando espaço na literatura e estudos de família e casal, no entanto, é quantitativamente ainda muito inferior à importância dada à maternidade.

Se não bastassem os desafios inerentes à fase do ciclo de vida familiar vivenciado pelas famílias com filhos pequenos (Carter & McGoldrick, 1995), no final de 2019 o mundo inteiro se deparou com a descoberta de uma doença viral e altamente infecciosa, até então desconhecida, que foi denominada de COVID-19. Ao redor de todo o mundo houve contágio exponencial pelo vírus SARS-COV2, sendo oficialmente decretada pela OMS (Organização Mundial da Saúde) uma pandemia. Para contenção da doença, as entidades sanitárias e governamentais decretaram drásticas medidas de isolamento social, fechamento de escolas e obrigação de trabalho remoto para todas as atividades não essenciais.

Inesperadamente famílias inteiras se viram obrigadas a viver sob convívio ininterrupto, em um momento em que imperam o medo e a incerteza. A dimensão dos reais impactos nas esferas individuais, familiares, econômicas e sociais só poderão ser mensurados dentro dos próximos anos.

Assim, considerando o contexto social criado pelas medidas de contenção da pandemia da COVID-19, e as premissas de que os estudos sob a ótica paterna precisam ser ampliados e de que a parentalidade traz importantes repercussões à dinâmica conjugal, julgou-se pertinente o desenvolvimento deste trabalho cujo objetivo geral foi estudar as vivências de pais sobre a chegada do primeiro filho e as repercussões deste período na conjugalidade, ao longo do período de isolamento social imposto para contenção da pandemia da COVID-19. Esperamos que esta investigação possa contribuir para a compreensão de aspectos da paternidade contemporânea, além de trazer subsídios para a prática clínica com famílias e casais.

Para atingir os objetivos pretendidos, realizamos uma pesquisa qualitativa, da qual participaram 10 pais primíparos, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população, com idades entre 24 e 43 anos, com filhos com idades entre sete meses e um ano e sete meses, e que coabitavam com a mãe da criança há pelo menos dois anos.

A escolha por estudar pais primíparos, com filhos de idades entre seis meses e dois anos, baseia-se na literatura que entende que a chegada do primeiro filho é uma das maiores crises vividas pelo casal, sendo também a fase em que acontece um grande número de divórcios (Carter & McGoldrick, 1995). A escolha por pais acima de 24 anos de idade pretende homogeneizar a amostra, excluindo-se, assim, pais adolescentes, uma vez que a paternidade na adolescência possui questões próprias desta fase do ciclo de vida.

Esta dissertação será apresentada em formato de dois artigos. O primeiro teve como tema central o envolvimento de pais de crianças pequenas na pandemia da COVID-19. Já o segundo artigo teve como tema central a percepção de pais de crianças pequenas sobre a conjugalidade, vivenciada no período de transição para a parentalidade, no contexto da pandemia de COVID-19.

## Artigo 1

### Envolvimento de pais de crianças pequenas na pandemia de Covid-19

#### Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as experiências paternas na transição para a paternidade na pandemia da COVID-19, e tem como o objetivo investigar o envolvimento de pais de crianças pequenas neste contexto. Foram entrevistados 10 pais primários, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população. O objetivo deste trabalho foi investigar o envolvimento paterno de pais de crianças pequenas na pandemia da COVID-19. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas ao método de análise de conteúdo, na modalidade categorial temática. As análises foram realizadas sob a perspectiva sistêmica de família e casal articulada a conceitos psicanalíticos. Os resultados mostraram que o isolamento social decorrente da pandemia foi percebido como positivo para o exercício da paternidade de pais de crianças pequenas, uma vez que aumentou o tempo de disponibilidade de interação pai-filho. Este estudo sugere que o favorecimento da presença paterna no seio familiar é elemento fundamental para maior engajamento de pais nos cuidados diários com seus filhos.

Palavras-chave: paternidade; pai; envolvimento paterno; pandemia; COVID-19.

#### Abstract

This article is part of a broader research on paternal experiences transitioning into paternity during the Covid-19 pandemic. Ten white, middle class, heterosexual fathers, inhabitants of Rio de Janeiro and São Paulo were interviewed. The objective of this article was to investigate the paternal involvement of fathers with small children during the Covid-19 pandemic. The interviews were recorded, transcribed and submitted to content analyses method, using its thematic category mode. The results demonstrated that social isolation due to the pandemic was positively perceived by fathers in regards to their paternity because of the increased availability of time for interaction with their small children. This study suggests that favoring paternal presence at home is fundamental to increasing the daily care of fathers with their children.

Keywords: paternity; father; father involvement; pandemy; COVID-19

A partir do século XVIII, a concepção de família nuclear moderna, constituída por um casal heterossexual, monogâmico e seus filhos surgiu. Apesar de o amor romântico servir de ideal do casamento baseado em consentimento mútuo entre os cônjuges e igualdade entre os gêneros, a verdade é que os papéis designados a homens e mulheres eram bem demarcados. Aos homens ficaram destinados os lugares simbólicos de chefe de família e mantenedor da moral, da proteção e da provisão financeira. Às mulheres, ficaram destinadas as responsabilidades sobre a gestão do lar e da educação dos filhos (Ariès, 1981; Roudinesco, 2003). Assim delimitou-se que a vida pública seria para os homens e a vida privada, para as mulheres (Negreiro & Féres-Carneiro, 2004). Staudt e Wagner (2008) ressaltam que essa dicotomia dos papéis materno e paterno se estendia à expressão do afeto no ambiente familiar, de forma que o gerenciamento das emoções dos membros familiares era uma atribuição feminina, deixando os pais afetivamente distantes.

Na família ocidental contemporânea a percepção do ideal de igualdade de gênero muitas vezes não ecoa na realidade, que é composta tanto de referenciais familiares tradicionais quanto de concepções contemporâneas. Discute-se o redimensionamento nos papéis materno e paterno em decorrência de importantes mudanças sociais nas últimas décadas, em especial devido à inserção da mulher no mercado de trabalho (Rocha-Coutinho, 2003; Gomes & Resende, 2004).

Foi a partir de 1960 que a denominada família contemporânea surge, trazendo a afetividade como um referencial essencial à sua constituição (Roudinesco, 2003). O movimento feminista, com a forte entrada das mulheres no mercado de trabalho, trouxe transformações importantes para o mundo. A partir do momento em que elas ganhavam espaço no mundo corporativo, aos homens foi permitida a entrada no espaço de cuidado, expressão de afeto, e educação dos filhos, o que viria a impactar na reestruturação dos papéis parentais (Rocha-Coutinho, 2003; Gomes & Resende, 2004; Bossardi *et al.*, 2013; De Oliveira & Silva, 2011). Na mesma época em que o conceito de maternidade instintiva e inata era contestado, começaram a surgir discussões em torno do conceito de parentalidade. Zornig (2010) esclarece que a parentalidade se refere ao processo de construção do que vem a ser mãe e ser pai a partir de sua interrelação com a filiação. Assim, a relação pai-mãe-bebê ganha destaque nas configurações familiares.

A transição para a parentalidade envolve inúmeros processos na vida dos novos pais. Nas famílias contemporâneas, essas mudanças individuais se dão em um cenário de convívio de valores tradicionais com novos referenciais. Para os homens, as mudanças sociais já mencionadas possibilitaram um caminho aberto para a vivência de uma nova paternidade, ancorada em trocas afetivas e de cuidado. Com a chegada do primeiro filho, é possível que os homens percebam mais claramente mudanças individuais e nas relações com a família nuclear e ampliada (Krob *et al.*, 2009; Gonçalves *et al.*, 2013), sendo um momento de reorganização pessoal no âmbito prático e sentimental.

As primeiras semanas após o nascimento do primeiro filho são particularmente desafiadoras, por serem o momento de maior mudança no psiquismo paterno, com a incorporação de responsabilidades e desafios maiores do que muitas vezes imaginavam (Jager & Botolli, 2011; Matos *et al.*, 2017a). Ainda que seja notória a peculiaridade deste momento de transição do ciclo vital familiar também no âmbito paterno, poucos são os estudos que buscam entender os impactos desta mudança para os pais. Mesmo que as famílias contemporâneas convivam com as mais diversas configurações, os estereótipos de gênero ainda são prevalentes na literatura sobre parentalidade. É possível que a grandiosidade do momento, sem o devido reconhecimento social da importância do papel paterno impacte na dificuldade de pais em expressar em palavras o momento vivenciado por sentimentos ambíguos (Matos & Magalhães, 2019; De Oliveira & Silva, 2011).

Com o questionamento do lugar destinado às mulheres na sociedade e sua consequente íntima relação com a maternidade (Staudt & Wagner, 2008), estariam formadas as bases para o delineamento de uma nova concepção de paternidade, mais envolvida emocionalmente com o cuidado dos filhos e mais participante. O papel único de provedor não seria mais suficiente (Gomes & Resende, 2004; Silva & Piccinini, 2007). Parke (1996) aponta que, no entanto, o otimismo quanto às mudanças nos papéis parentais é uma ideia que vem se implantando de forma gradual, ao contrário da revolução que se esperava quando o estudo da relação pais-filhos e seu impacto no desenvolvimento infantil começou a receber a devida atenção.

A sociedade ocidental contemporânea passa a valorizar o envolvimento emocional paterno e sua participação na rotina e educação dos filhos desde seus primeiros meses de vida (Silva & Piccinini, 2007; Gonçalves *et al.*, 2013). Passa-se, então, a perceber o convívio de discursos sobre um novo pai, mais envolvido afetivamente com os filhos concomitantemente aos referenciais tradicionais vivenciados por esses homens e mulheres com seus próprios pais.

Assim, as relações entre pais e filhos deixam os restritos referenciais de pais autoritários e emocionalmente distantes para considerar, também, relações pais-filhos baseadas no respeito, afetividade e diálogo (Silva & Piccinini, 2007; Petrini, 2016). Ao longo dos anos, os aspectos atribuídos ao exercício da paternidade vêm sendo ampliados, e podemos observar a paternidade contemporânea flexibilizando referenciais tradicionais de apoio financeiro e instrumental, através de uma contribuição emocional mais participativa (Gomes & Resende, 2004; Negreiros & Fêres-Carneiro, 2004; Silva & Piccinini, 2007; Soares & Colossi, 2016; Matos *et al.*, 2017b;).

Em um estudo que se propôs fazer uma revisão da literatura brasileira sobre paternidade entre 1998 e 2008, De Oliveira e Silva (2011) reforçam esta ideia, afirmando que as pesquisas sobre as especificidades do papel paterno surgem no meio científico a partir de 2004. Até então, o pai aparecia como coadjuvante da díade mãe-bebê. De fato, os estudos sobre a paternidade foram ignorados por décadas na Psicologia Moderna, ganhando atenção a partir de 1980 em estudos que buscavam avaliar a ausência ou presença de pais nas vidas de seus filhos, e seus impactos no desenvolvimento infantil (Pleck, 1997).

É possível pensar como contribuição da teoria psicanalítica o foco na díade mãe-bebê como preditor do desenvolvimento saudável da criança (Parke, 1996; Borsa & Nunes, 2017). Um clássico exemplo seria o trabalho de Winnicott (2001), que formulou os conceitos de preocupação materna primária e de mãe suficientemente boa para discutir acerca da importância da relação com a mãe para o desenvolvimento psíquico infantil. Na teoria winnicottiana, para o pai restou o papel de rede de apoio e substituição à mãe (Belo *et al.*, 2015). Outro exemplo pode ser encontrado na teoria de Bowlby (1969), também fundamentada nos padrões de apego infantil, a partir de observações de bebês e suas mães (Ainsworth, 1989).

Historicamente, os papéis femininos e masculinos, inclusive no seio familiar, são diretamente influenciados pelo contexto cultural. Rocha-Coutinho (2003) aponta para o fato de que, apesar de muitas vezes as funções materna e paterna serem vistas como naturais e biológicas, é inegável o impacto dos discursos sociais sobre o ideal de parentalidade. A família contemporânea vem continuamente flexibilizando os papéis materno e paterno, permitindo cada vez mais às mulheres o espaço público do mercado de trabalho, e aos homens, o cuidado da casa e dos filhos (Roudinesco, 2003; Soares & Colossi, 2016).

O pai contemporâneo, muito mais do que abrir mão do velho e único papel de provedor, tem sido acompanhado pela participação feminina em relação às despesas domésticas e se permitido o benefício de um envolvimento paterno que englobe aspectos emocionais (Matos & Magalhães, 2019; Silva & Piccinini, 2007). Algumas vezes, precisa lutar contra o imaginário social de que há uma aptidão natural feminina para a maternidade (Badinter, 1985; Staudt & Wagner, 2008). O que se pretende é reforçar a ideia abarcada pelo conceito de coparentalidade, em que mães e pais dividem responsabilidades e cuidado pelos filhos, tudo em benefício da própria família e do saudável desenvolvimento dos novos membros.

As transformações sociais se inter-relacionam e incorporam novos valores e padrões comportamentais, possibilitando que o exercício da paternidade seja uma escolha ativa dos novos pais, ainda que permaneça revestida de compromisso e responsabilidades (Da Silva Gonçalves & Bottoli, 2016). Matos e Magalhães (2019) adicionam importante reflexão sobre a paternidade contemporânea, para que não haja imposição de um novo padrão, aprisionando experiências e desconsiderando as especificidades de cada família.

O papel paterno pode ser entendido através de múltiplos aspectos, preferencialmente em consonância com a cultura familiar. Lamb *et al.* (1985) já ressaltavam a importância deste aspecto em artigo que discutiam os efeitos do aumento do envolvimento paterno no desenvolvimento infantil. Os autores consideram ser questionável afirmar categoricamente que o aumento do envolvimento paterno seja algo desejado unanimemente em todas as culturas e famílias, devendo ser considerado benéfico quando o contexto cultural e dentro da própria família justificarem seu aumento.

O conceito de envolvimento paterno tem sido amplamente usado nos estudos sobre paternidade sem que, no entanto, haja consenso sobre todos os aspectos a serem analisados para avaliar o construto. Santis e Barham (2017), em artigo em que propõe um modelo teórico baseado em revisão de literatura, explicitam o caráter multidimensional do envolvimento paterno e o quanto ainda carecemos de um delineamento comum para estudo sobre o tema. Ainda assim, é possível tomarmos como referencial a definição cunhada por Lamb (1997), que engloba as dimensões da interação, que diz respeito a aspectos comportamentais de contato direto e compartilhamento de atividades; da acessibilidade, que diz respeito ao quanto o pai se mostra disponível física e psicologicamente; e da responsabilidade, que se refere ao quanto o pai proporciona cuidados diretos ou por meio de terceirização (Gomes *et al.*, 2014).

Parke (1996) apresenta uma visão sistêmica do construto, informando que o envolvimento paterno sofrerá influência das características individuais do pai e da criança; das relações internas dos subsistemas familiares e relações entre eles; da rede de apoio extrafamiliar; e da cultura. Além dos elementos apresentados, é importante ressaltar que o envolvimento paterno é fenômeno que deve ser analisado sob uma perspectiva etimológica, uma vez que possui estreita relação com o contexto social, histórico e cultura. Isto corrobora a importância de que novos estudos sobre diversos aspectos que impactem nas relações entre pais e seus filhos sejam realizados, para que demonstre que as mais diferentes formas de envolvimento entre pais e filhos é de fato benéfica para o desenvolvimento infantil (Backes *et al.*, 2018).

Ainda que não sejam tão expressivos quanto aos estudos sobre a díade mãe-bebê, algumas pesquisas informam um impacto positivo no desenvolvimento infantil, melhor desempenho escolar e melhores habilidades sociais em crianças com experiências positivas com seus pais (Silva & Piccinini, 2007). Isto reforça a ideia de que as vivências da paternidade contemporânea merecem um papel de maior destaque nos estudos de família e casal. Além disso, como salientam Trage e Donelli (2020), é preciso que o papel de pai mais participativo na vida dos filhos ganhe amparo social, seja dando maior destaque à paternidade, seja com a promoção de uma educação menos sexista às futuras gerações, seja promovendo debates sociais que impactem em mudanças estruturais, permitindo-se, por exemplo, um aumento da licença paternidade, de forma a possibilitar que o desejo

de envolvimento paterno nos estágios iniciais de vida de seus filhos efetivamente seja possível.

### **Paternidade e a pandemia de 2020**

No início de 2020 o mundo se viu diante da disseminação do SARS-COV-2. No Brasil, o primeiro caso confirmado foi em 24 de fevereiro de 2020, no Estado de São Paulo. A partir de março de 2020 o país se viu diante da necessidade de cumprimento de medidas de contenção do vírus (Navarro *et al.*, 2021), que inicialmente se concentraram, especialmente, no fechamento das escolas e na implementação do trabalho remoto.

Sendo o Brasil um país com tamanha desigualdade, o impacto das medidas de restrição também foi percebido diferentemente de acordo com raça e condição social (Silva *et al.*, 2020). De acordo com Batista *et al.* (2020), a discrepância do nível de mortalidade por Covid-19 em pessoas pretas ou pardas sem escolaridade ficou na ordem de quatro vezes maior quando comparada ao índice de mortalidade de pessoas brancas com nível superior.

A família é um todo composto de partes interdependentes, que se influenciam mutuamente (Minuchin, 1982). Assim, é de se esperar que um evento com a magnitude de uma pandemia tenha gerado impactos econômicos, sociais e também familiares. Ainda que no Brasil não tenha havido um imediato consenso entre as esferas federal e estaduais sobre a rigidez do isolamento social, fato é que as escolas foram fechadas, muitos estabelecimentos comerciais tiveram horário de funcionamento reduzido e diversas empresas implantaram o trabalho remoto. Trabalho e família passaram a dividir os espaços físicos, obrigando a rearranjos de responsabilidades e papéis no seio familiar, em especial naquelas compostas por filhos pequenos. Desta forma, também o exercício da parentalidade foi diretamente impactado.

Conforme mencionado, historicamente uma divisão dos espaços público e privado direcionaram as mães para o trabalho não remunerado de cuidado do lar e dos filhos, e os homens para o trabalho externo, em corporações. Tais valores tradicionais se perpetuam em nossa sociedade, de forma que a maior carga de trabalho doméstico ainda recai sobre as mulheres, mesmo após sua entrada no mercado de trabalho. Considerando o aumento do desemprego e a presença forçada dos homens no seio familiar, o isolamento social imposto pela pandemia se mostra como uma crise sem precedentes, tornando imperativa a adaptação das famílias, e constituindo-se como um terreno fértil para a flexibilização de papéis de gênero (Silva *et al.*, 2020; Vieira *et al.*, 2020) e, conseqüentemente, para o exercício da paternidade.

Em período de crise financeira, há uma tendência de que o trabalho masculino seja valorizado e caiba às mulheres o papel de abrir mão de retorno laboral, por ser considerada biologicamente mais apta a realizar os cuidados maternos e os afazeres do lar. No entanto, estudo sobre o impacto da divisão do trabalho doméstico, antes e após a COVID-19, realizado com pais canadenses (Shafer *et al.*, 2020) concluiu que a presença forçada dos pais dentro dos lares aumentou o tempo de exposição destes às demandas domésticas e parentais. Ainda que a discrepância na percepção da divisão de tarefas domésticas e cuidados com os filhos entre homens e mulheres tenha sido observada, com os homens geralmente superestimando seus esforços, ambos relataram aumento no investimento masculino, reduzindo a discrepância da contribuição feminina e masculina na divisão do trabalho doméstico. Estudo de Carlson *et al.* (2020) trouxe dados de que

no Reino Unido, a presença de pais trabalhando em regime de *homeoffice* mostrou maior probabilidade em partilhar mais igualmente o trabalho doméstico durante o *lockdown* vivenciado na Inglaterra. Achado similar ocorreu em pesquisa de Aguiar *et al.* (2021) sobre *burnout* em pais e mães portugueses após o isolamento imposto pela COVID-19, que demonstrou que a presença forçada dos pais no cenário doméstico aumentou o cansaço desses em um primeiro momento, mas ao longo do tempo foi mitigado pelo prazer percebido pela majoração da interação com seus filhos.

Em que pese a importância dos panoramas de outras culturas apresentados, fato é que dados sobre a pandemia devem ser avaliados com cuidado, especialmente quando comparamos diferentes países. Tal parcimônia deve estar presente também na avaliação das experiências de gênero e parentais ao longo da crise mundial apresentada como pano de fundo, considerando-se a necessidade de avaliação contextual. Acredita-se que a investigação da experiência de pais brasileiros de crianças em idade pré-escolar possa contribuir com a compreensão do envolvimento paterno, considerado em sua multidimensionalidade. Assim, o objetivo deste trabalho foi investigar o envolvimento de pais de crianças pequenas na pandemia da COVID-19.

## Método

A fim de atingir os objetivos desta investigação foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa.

### Participantes

Participaram do estudo 10 pais primíparos, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população (Velho, 1987), com idades entre 24 e 43 anos, com filhos com idades entre sete meses e um ano e sete meses, que coabitam com a mãe da criança há pelo menos dois anos.

A escolha por estudar pais primíparos, com filhos de idades entre seis meses e dois anos, baseia-se na literatura que entende que a chegada do primeiro filho é uma das maiores crises vividas pelo casal, sendo também a fase em que acontece um grande número de divórcios (Carter & McGoldrick, 1995). A escolha por pais acima de 24 anos de idade pretende homogeneizar a amostra, excluindo-se, assim, pais adolescentes, uma vez que a paternidade na adolescência possui questões próprias desta fase do ciclo de vida. A Tabela 1 apresenta o perfil dos respectivos participantes.

**Tabela 1**

*Perfil sociodemográfico dos participantes do estudo*

Sujeito	Idade	Escolaridade	Tempo de casamento	Idade do(a) filho (a)	Nível socioeconômico	Config. Familiar
P1	36	Mestrado	4 anos	1a 1m	Médio	Casada
P2	35	Sup. completo	5 anos	1a 7m	Médio-alto	Separada
P3	24	Mestrado	3 anos	1a 5m	Médio-alto	Casada
P4	32	Especialização	6 anos	1a 7m	Alto	Casada

P5	34	Especializaçã o	4 anos	8m	Médio-alto	Casada
P6	35	Mestrado	3 anos	1a 6m	Médio	Casada
P7	30	Sup. completo	9 anos	1a 1m	Médio- baixo	Casada
P8	43	Sup. completo	4 anos	8m	Médio- baixo	Separa da
P9	27	Sup. completo	3 anos	1a 6m	Médio	Casada
P10	38	Mestrado	3 anos	7m	Médio-alto	Separa da

### ***Instrumentos***

Os participantes preencheram uma Ficha de Avaliação Biográfica, contendo informações como idade; tempo de casamento; profissão; escolaridade; idade, profissão e escolaridade de seu cônjuge; idade do(a) filho(a); nível socioeconômico da família; e configuração da família de origem. Como instrumento de investigação foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado, construído a partir de revisão da literatura, contemplando os seguintes eixos temáticos: exercício do papel parental; transmissão geracional da paternidade; e impactos do nascimento do primeiro filho na conjugalidade.

### ***Procedimentos***

O projeto desta pesquisa foi aprovado pela Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mediante o parecer 055/2021, seguindo as recomendações da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) nº 510, de 07 de abril de 2016 (Brasil, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Alguns participantes deste estudo foram indicados pela rede de relacionamento da pesquisadora; já outros foram recrutados a partir de uma chamada para participação da pesquisa divulgada online nas redes sociais da pesquisadora e do LEFaC – Laboratório de Família e Casal da PUC-Rio, do qual a pesquisadora faz parte. Como critério para participação no estudo, o sujeito deveria ser pai primíparo, ter entre 24 e 45 anos de idade, coabitar com a mãe de seu(sua) filho(a), e os(as) filhos(as) terem entre seis meses e dois anos de idade.

As entrevistas foram realizadas exclusivamente pela pesquisadora e aconteceram virtualmente, por meio da plataforma virtual Zoom, em dia e hora determinados pelos entrevistados, e tiveram duração média de uma hora. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, integralmente transcritas para análise do conteúdo manifesto e latente.

### **Resultados e Discussão**

As entrevistas foram integralmente transcritas e os dados obtidos submetidos ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), em sua vertente categorial. Este tipo de análise permite o surgimento de categorias de análise e padrões de respostas a partir do material, sem que as conclusões estejam vinculadas a uma hipótese prévia. O referencial teórico utilizado baseia-se em uma articulação das teorias sistêmica e psicanalítica de família e casal (Féres-Carneiro, 1996).

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, será apresentada e discutida a categoria envolvimento paterno na pandemia da COVID-19, que foi desdobrada nas

seguintes subcategorias: *sentir-se pai; interação pai e filho; e impactos percebidos pelo isolamento social*. Para apresentação dos resultados, os pais foram nomeados de P1 a P10.

#### *Sentir-se pai*

Esta categoria refere-se às sensações despertadas nos pais quando descrevem a experiência da paternidade. Os relatos dos pais do estudo são apresentados como engrandecedores, ao mesmo tempo em que destacam o desafio em adequarem-se aos novos papéis e responsabilidade trazidos com o nascimento do filho, com impactos diretos em como percebem sua nova identidade.

É... eu me preparei pra isso mas, mesmo assim, é um processo difícil; é um processo difícil porque lida com identidade, né? Acho que o primeiro grande desafio, acho que é toda a mudança... do layout físico às questões simbólicas porque passa a ser um universo infantil, né? A casa, a convivência, né... tudo isso muda. (...) Hoje, o que eu sou hoje tá guardado num quartinho pra quando, sei lá, um dia quando ninguém tiver em casa ele possa ir lá naquele quartinho e voltar a ser o que eu era, né. Isso não se discute, isso não se fala, isso não é visto, e a partir do momento que o homem alguma vez se manifesta quanto a isso ele assume o protagonismo negativo, eu observo é isso. (P1)

Acho que é uma mudança muito mais complexa do que eu pensei, é uma doação muito maior do que eu pensei. Todo mundo fala que você só realmente sabe o que é ser pai quando você é pai. Então, eu acho que é isso. A gente por várias vezes se pega pensando "caramba, que trabalhão". Você não tem mais um minuto pra descansar, esquece, acabou. Mas por outro lado, também, qualquer sorriso, qualquer palavrinha nova, qualquer abraço... é ótimo. Então tem sido uma experiência muito boa, eu acho que é uma experiência que completa a gente, né. (P2)

É um grande desafio porque o filho demanda muito e você não sabe o quanto ele vai demandar naquele momento, qual a extensão, qual a dedicação que ele vai precisar de você, qual a atenção que ele precisa de você. (...) e também a parte da gente perder os nossos hobbies, né? Por exemplo, eu gostava de jogar videogame, era um hobby meu e não tem mais, acabou. Posso te dizer com clareza que eu não lembro a última vez que eu liguei meu videogame. E não dá assim, simplesmente não dá, não tem como. (P3)

A maioria dos pais do estudo descreveu suas experiências a partir de sensações grandiosas e, muitas vezes, contraditórias. Isto pode sugerir que também a paternidade, tal qual a maternidade, seja uma experiência ambivalente.

É uma mistura de desafio, um cansaço com coisas boas, sabe? (P4)

É muito intenso mas é a coisa mais legal que me aconteceu. (P5)

Tá sendo ótimo. É difícil, dá... dá trabalho. (...) É o trabalho de cem por cento do tempo, né? É cansativo mas é prazeroso ao mesmo tempo. Eu costumo brincar que é bom e é ruim. (P6)

Os relatos dos entrevistados corroboram os estudos sobre paternidade contemporânea que apontam para possibilidade de exercício da paternidade como uma escolha consciente (Da Silva Gonçalves & Bottoli, 2016), mais ativa e participativa emocionalmente (Gomes & Resende, 2004; Bossardi *et al.*, 2013). É de ressaltar o caráter ambivalente através do qual a experiência paterna compartilhada pelos entrevistados se estrutura (Oliveira & Silva, 2012). É possível pensar que o recurso de expressar sua nova vivência por meio de sentimentos ambíguos se dê pela grandiosidade afetiva deste peculiar momento do ciclo vital familiar que atravessam.

Carter e McGoldrick (1995) ressaltam que a fase do ciclo vital familiar vivenciada com maiores mudanças tanto na família nuclear quanto na extensa se dá com o nascimento do primeiro filho. Especificamente para os pais, em um momento

que o protagonismo ainda se direciona à díade mãe-bebê, conforme explicitou P1 em seu relato, este momento se torna ainda mais desafiador e vivenciado como perda dos espaços simbólicos do novo pai (Krob *et al.*, 2009; Gonçalves *et al.*, 2013).

Outro fator preponderantemente citado por pais, a exemplo do relato do P2, P3 e P6, é sobre o quanto as responsabilidades do tornar-se pai foram sentidas como ainda mais intensas do que poderiam imaginar. Tais relatos reforçam os estudos sobre as vivências de mudanças percebidas por pais após o nascimento de seus primeiros filhos (Jager & Botolli, 2011) e a construção do vínculo pais-bebês (Matos *et al.*, 2017b).

### *Interação pai e filho*

Esta categoria apresenta o comportamento de cuidado direto exercido pelos pais em relação aos seus filhos, assim como qualquer atividade por eles compartilhadas. De acordo com a concepção multidimensional de envolvimento paterno considerada neste artigo (Lamb, 1997; Pleck, 1997; Santis & Barham, 2017), a interação entre pais e filhos é um importante fator a ser considerado, englobando as atividades de cuidado direto com a prole, além das atividades compartilhadas, como as brincadeiras, por exemplo. A maioria das falas dos pais da pesquisa corroborou os estudos sobre o aumento do envolvimento paterno em relação aos cuidados diários com seus filhos, demonstrando prazer na realização destas tarefas.

A minha parceira tem uma carga de trabalho maior do que a minha, então eu cuido mais da casa e eu cuido mais da nossa filha, do dia a dia dela porque eu tenho um regime que eu consigo trabalhar mais de home office. Então, eu sou responsável pelo acordar, pelas refeições, pelo arrumar a casa de maneira geral. E minha esposa, como ainda amamenta, ela tem muito essa carga da amamentação. E aí eu tento contrabalancear no outro lado. Já que eu não posso amamentar, eu tento contrabalancear nas outras tarefas que eu posso fazer. (P3)

Hoje eu acordo mais cedo aqui em casa. Como minha esposa não tá trabalhando, ela acorda junto com nosso filho. Então eu acordo, quando eu consigo acordar bem cedo, eu vou, compro pão, preparo o café da manhã pra todo mundo aqui em casa, já faço a mamadeira pra ele, deixo pronta. Se ele acordar e der tempo antes de eu começar a trabalhar, eu troco a primeira fralda do dia.(...) Aí quando eu saio do trabalho às sete horas eu meio que preparo a janta e assumo os cuidados dele. (P4)

Eu fico o dia inteiro trabalhando, né? Eu vejo meu filho mais pela manhã, umas oito horas que eu consigo ver ele... e à noite esse horário, né? Sete e meia eu consigo ver ele. Aí eu tento compensar o tempo perdido, né? Brinco muito com ele, agito muito mas mesmo assim não é tanto tempo porque ele já começa ficar com aquele soninho e tal mas.. é o que eu faço, eu tento compensar o tempo perdido, né? Vire e mexe a gente toma banho e tudo no chuveiro, eu gosto de fazer isso. Eu peço sempre pra não ir trabalhar nos dias que ele tem médico, pra acompanhar ele no médico. (P8)

É possível perceber que a paternidade contemporânea traz em si valores também tradicionais, que fazem com que esses pais em alguns momentos ainda ocupem um lugar simbólico de rede de apoio da maternidade. Isto de forma alguma deve ser interpretado como negativo; ao contrário, exemplifica o quanto não há que se impor padrões sobre o exercício da paternidade (Matos & Magalhães, 2019).

Minha esposa sabe que eu sou muito presente, que eu dou minha opinião, eu tento ajudá-la o máximo possível. Não só ajudá-la, eu falo ajudar porque assim, eu tenho pegado as responsabilidades dela também, porque ela precisa desse tempo

agora, porque a responsabilidade é tanto minha quanto dela, né? Mas ela sabe que eu compreendo que pra ela é mais difícil fisicamente. Porque minha filha acorda chorando ela não grita papai, ela grita mamãe sempre, né? Sei lá, se ela fala trezentas vezes mamãe, ela fala cinquenta vezes papai, sabe? (P6)

É possível notar o convívio de valores tradicionais e contemporâneos na paternidade nos relatos dos pais entrevistados, a exemplo do P10, que vivencia uma divisão mais tradicional de papéis e do P5, que apesar de ser um pai mais provedor e, portanto, ocupar um papel socialmente tradicional, também se cobra em participar do compartilhamento das tarefas com seu filho, ainda que no papel de ajudante de sua esposa.

Então, eu acordo, eu passeio com ele, né? Abro bem a casa, brinco com ele um pouco, como uma coisa rápida, boto ele no carrinho, vou passear, aí ando com ele na praia e tal, uma hora e pouco depois eu volto com ele e aí eu brinco mais um pouco com ele, espero dar nove da manhã, quando eu não tenho reunião eu até dou papazinho dele de manhã, nove da manhã, acordo a mãe umas nove e meia, entrego pra ela e vou trabalhar. (...) Acho que minha esposa fica mais focada no filho, eu fico focado no trabalho porque os dois são muito importantes, né? A casa e o filho, e trabalho. Pra ter esse equilíbrio, né? Então, somos... claro, ela faz mais pela casa e pelo filho e eu faço mais pro... pelo trabalho, né?. (P10)

A gente se mudou pra que minha esposa e meu filho pudessem ter uma qualidade de vida melhor então, acho que por essa e outras coisas, eu acordo com minha esposa de noite pra ajudar, eu tento segurar ele, eu troco fralda, ajudo a dar banho. (P5)

Os relatos dos pais entrevistados reforçam os estudos que indicam um crescente aumento da participação paterna na rotina dos filhos desde sua primeira infância (Silva & Piccinini, 2007; Gonçalves et al, 2013). Há espaço para que cultura familiar se fortaleça, possibilitando que o pai ocupe um lugar ativo desde que assim deseje (Gonçalves & Bottoli, 2016).

#### *Impactos percebidos pelo isolamento social*

Esta categoria se refere ao impacto percebido pelos pais do isolamento social determinado pelos governantes do país em decorrência da pandemia da COVID-19. Em momentos de crise, em uma sociedade ainda patriarcal, há uma tendência de aumentar a desigualdade de gênero. Isto se observa em estudos sobre a sobrecarga feminina ao longo da pandemia (Macêdo, 2020; Shafer *et al.*, 2020; Dos Santos & Da Silva, 2021). No entanto, quando consideramos exclusivamente o exercício da parentalidade, parece que o convívio forçado de pais nos lares possibilitou-lhes uma maior compreensão dos níveis de demandas domésticas e de cuidados com os filhos. A presença paterna nos lares parece ter proporcionado aos pais um aumento na sua disponibilidade, aumentando o nível de participação dos mesmos nos lares de famílias brasileiras de classe média. Compreendemos disponibilidade o fator do envolvimento paterno que diz respeito ao pai estar acessível e disponível para que haja uma posterior interação com seus filhos.

Então, eu acho que, assim, essa pandemia pra gente foi muito positiva na questão da gente poder tá com nosso filho com quase dois anos e a gente poder ter vivido toda a hora do lado dele praticamente, né? Acho que ele sente muito isso também, pais muito presentes. (P2)

Então no início da pandemia, início do contato forçado foi muito bom porque a gente já ia colocar nossa filha numa instituição, já ia voltar o trabalho num ritmo mais acelerado, a gente pode aproveitar isso mais, como se a gente tivesse tido uma licença paternidade e uma licença maternidade estendida. (P3)

Se não fosse pela pandemia eu não estaria com minha filha vinte e quatro horas por dia como eu tô. Desde que ela nasceu eu fiquei longe dela quinze dias só, foram quinze dias que eu não estava presente durante o dia todo na vida dela. Pelo

menos algumas vezes durante a semana, né? Então com a pandemia...às vezes eu falo comigo assim, é como se eu tivesse ‘de licença paternidade há um ano e meio, quase. (...) Em compensação também impediu várias experiências que a gente queria que ela tivesse na rua, entendeu? Indo pros lugares, assim, saindo na rua; e convivência principalmente com os nossos amigos, assim, porque o nosso ciclo de amizades hoje é todo virtual. (P6)

Então eu fiquei quase um ano trabalhando home office e foi justamente o ano que meu filho nasceu, então pra mim foi bom porque eu fiquei mais com meu filho e a minha família, né? E a gente não é muito de sair mesmo, a gente quando não tem nada pra fazer "vamos ficar em casa, aqui é bom". Então, pra mim foi bom, não tenho... acho que excepcionalmente pra gente, né? Acho que foi boa, a pandemia. (P7)

Piorou acho que de uma forma igual, acho que tanto pra mim quanto pra ela porque a gente queria muito sair com nosso filhão, né? Passear com ele, ela comprou milhares de roupas, nós escolhemos milhares de roupas bonitinhas pra exibir ele na rua e a maioria das roupas nem cabem mais nele e ele não usou. (P8)

As repercussões da pandemia acabam afetando a gente porque a gente não tem muito tempo sozinho né, a gente não tinha muito contato com amigos. A gente até acabou vendo um casal de amigos nesse final de semana e a gente brincou tipo “que bom ver outras pessoas, né, porque...” a minha esposa falou “tô cansada de ficar vendo você, ficar só conversando com você,, quero ver outras pessoas” sabe? É isso, falar outros assuntos, sabe? E com filho isso é muito difícil né, com filho a gente não tem tempo pra ficar vendo série, sabe? Não tem “a, vou ficar aqui lendo livro, vou trocar ideia, sei lá, vou ficar mexendo no whatsapp pra ficar conversando com amigo”, sabe? A gente não tem tempo pra isso é só filho, filho, filho. (P9)

Além do afeto que meu filho já traz mas ele tá comigo o tempo, me estranha em absolutamente nada, adora tá comigo, não reclama de nada, sabe? Então, eu acho que esse tipo de coisa tem sido alavancado muito pelo fato de eu tá muito em casa, entendeu? Então pra ele, no ponto de vista dele, isso é muito positivo e no meu ponto de vista tá sendo maravilhoso tá acompanhando ele o tempo todo. (P10)

A maioria dos pais (P1, P2, P3, P6, P7 e P9) do estudo consideraram que a pandemia da COVID-19 foi apenas positiva no que se refere ao exercício de sua paternidade, uma vez que aumentou o tempo que passam em casa, se tornando mais disponíveis para estar com seus filhos em seus primeiros anos de vida. A pandemia foi excepcionalmente negativa para o P5, que é médico, ou seja, pertence a uma das profissões às quais não foi possível fazer o isolamento social requerido pelos órgãos de saúde. Já P4 e P8, apesar de também relatarem como positiva a possibilidade de estarem mais tempo com seus filhos, declararam percepção negativa da pandemia sobre sua paternidade, por sentirem falta da possibilidade de passear e viajar com seus filhos.

Os resultados encontrados corroboram pesquisas realizadas em outros países sobre a percepção de que a presença forçada nos lares possibilitou um maior contato de pais com o grau de demanda dos afazeres domésticos e cuidados com os filhos (Carlson *et al.*, 2020; Shafer *et al.*, 2020; Aguiar *et al.*, 2021). Assim, em que pesem todos os desafios vivenciados pelas famílias, que repentinamente tiveram que adaptar seus espaços privados para acomodar espaços de trabalho e cuidados dos filhos, sem qualquer rede de apoio, o isolamento social proporcionou aumento da disponibilidade paterna, impactando em uma maior flexibilização de papéis de gênero (Silva *et al.*, 2020; Vieira *et al.*, 2020).

### **Considerações finais**

A paternidade contemporânea é resultado do convívio de valores tradicionais com as mudanças históricas e sociais, especialmente aquelas

relacionadas à ocupação feminina do mercado de trabalho remunerado. Aos pais foi permitida a possibilidade do exercício de um cuidado direto do lar e dos filhos, com a possibilidade de interações baseadas em afeto e respeito.

Ainda que a flexibilização de papéis de gênero seja uma realidade, não é possível ainda falar em igualdade. A sociedade contemporânea, apesar de mais igualitária, ainda é permeada por valores tradicionais, que responsabilizam prioritariamente as mães sobre os afazeres domésticos e de cuidado com os filhos. Apesar disto, é inegável o aumento do envolvimento paterno e a vivência de uma paternidade mais presente e afetiva, especialmente nas camadas médias da sociedade. Foi neste panorama de convívio do tradicional com o contemporâneo, que ocorreu a maior crise sanitária do último século, a pandemia da COVID-19. Assim, de uma hora para a outra, famílias inteiras tiveram que se adaptar ao cenário de crise.

A transição para a parentalidade é um momento de especial readequação de papéis. Os estudos de família e casal por anos focaram exclusivamente na díade mãe-bebê, cabendo aos pais um olhar secundário. No entanto, as últimas décadas viram o interesse sobre o estudo da transição para a paternidade ganhar cada vez mais espaço. Desta forma, este estudo buscou contribuir com a literatura específica sobre envolvimento paterno, enquanto construto multifatorial, ampliando o olhar sobre o conceito, uma vez que se trata de um estudo qualitativo. Durante a pandemia, a disponibilidade de pais nos lares possibilitou que, mesmo diante de uma crise, fosse possível a experiência positiva de maior participação paterna na primeira infância de pais cariocas e paulistas.

Pela natureza do estudo, não há como generalizar os resultados. Ademais, é possível supor que os entrevistados tenham algum viés de maior participação paterna e justamente por isso aceitaram responder à entrevista proposta. Assim, sugerimos que novos estudos com maior número de sujeitos de diferentes estados da federação sejam realizados em pesquisas futuras. Em contribuição com o campo de estudos qualitativos, sugere-se a realização de pesquisas sobre a paternidade sob a perspectiva materna, possibilitando uma compreensão mais abrangente e diversa do fenômeno.

## Artigo 2

### Transição para a paternidade na pandemia: percepção paterna sobre a conjugalidade

#### Resumo

O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla sobre as experiências paternas na transição para a paternidade na pandemia da COVID-19, e tem como objetivo investigar a percepção de pais sobre a conjugalidade vivenciada no período de transição para a parentalidade no contexto da pandemia de COVID-19. Foram entrevistados 10 pais primíparos, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população. As entrevistas foram gravadas, transcritas e submetidas ao método de análise de conteúdo, na modalidade categorial temática. As análises foram realizadas sob a perspectiva de articulação das teorias psicanalíticas e sistêmicas de família e casal. Os resultados mostraram que o isolamento social decorrente da pandemia foi percebido como um fator de estresse a mais, sobreposto aos desafios já inerentes ao período de transição para a parentalidade.

**Palavras-chave:** conjugalidade; casal; transição para a paternidade; pandemia; COVID-19

#### Abstract

This article is part of a broader research into father's experiences with the transition into fatherhood during the COVID-19 pandemic. The objective of this paper is to investigate the perception of fathers about conjugality within the period of transition into parenthood during the COVID-19 pandemic. 10 subjects who are fathers of first born children, white, heterosexual, middle class men from Rio de Janeiro were interviewed for this study. The interviews were recorded, transcribed and submitted to categorical modality thematic content analysis. The perspective used for the analysis was the articulation of psychoanalytical and systemic family and couples theories. The results showed that the social isolation imposed by the pandemic was perceived as an added stress factor, compounded by the already difficult period of transition into fatherhood.

**Key Words:** conjugality; couple; transition into fatherhood; pandemic; Covid 19

A sociedade ocidental contemporânea valoriza a satisfação individual sobre a dependência nos laços conjugais (Bauman, 2004). No entanto, isso não significa dizer que a família perdeu sua importância na constituição dos sujeitos. Ao contrário, o que se observa é a persistência da valorização das uniões e da família, em seus mais diversos arranjos. Em relação a um casal, o desafio reside na acomodação da individualidade com a conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998), uma vez que sua constituição reflete a necessidade de renegociação dos valores, crenças e rituais da família de origem de cada um de seus membros.

Assim, a vida conjugal parece ser, ainda nos dias atuais, o formato encontrado nas mais diferentes culturas para o compartilhamento de experiências, através de um relacionamento íntimo. A ideia não é desconsiderar as mais diversas formas de vinculação, mas reconhecer a presença de um modelo tradicionalmente concebido, concomitantemente à abertura social à pluralidade de configurações familiares.

Sob uma dimensão intersubjetiva, o casal conjugal inicia-se com a união de duas subjetividades, cada uma com sua história de vida, valores, ideais e demais heranças emocionais; ela surge como resultado desse encontro, possuindo características próprias. Assim entende Caillé (1991), para quem cada casal cria seu “modelo único” de existir, constituído pela subjetividade de cada membro do casal e pela conjugalidade, como terceiro elemento. Féres-Carneiro (1998) denomina este terceiro elemento como “identidade conjugal”, que na literatura sobre casamento e psicoterapia de casal é chamado conjugalidade. Seguindo esse entendimento, Singly (2007) apresenta o conceito de “eu-conjugal”, que seria a nova identidade construída a partir do encontro dos cônjuges, ressaltando-se que, para o autor, formada a conjugalidade, cada membro também se modifica e se reorganiza internamente.

O nascimento de uma criança instaura o início do grupo familiar. O casal passa, então, a ter que acomodar um novo membro. Deixam de ser apenas marido e mulher, passando a acumular os papéis, funções e responsabilidades parentais. Até mesmo a família extensa sofre modificações, uma vez que todos os familiares avançam um grau na escala geracional.

Em seu estudo sobre a família de classe média norte-americana, Carter e McGoldrick (1995) propuseram algumas etapas para o ciclo de vida familiar. São elas: a) saindo de casa: jovens solteiros; b) o novo casal; c) família com filhos pequenos; d) família com adolescentes; e) lançando os filhos e seguindo em frente; e f) família no estágio tardio da vida. Cada uma dessas fases possuirá tarefas específicas a serem cumpridas. As autoras consideram a família como um sistema emocional que se move através do tempo, e que abrange três ou mais gerações. Justamente por isso, as gerações anteriores impactam sobremaneira as gerações subsequentes. A família, então, apresenta-se como um corpo emocional próprio, que exige constante adaptação de todos os membros aos desafios que surgem por incorporação ou perda de algum membro, ou mesmo por estressores externos pelos quais tenham que passar. Os desafios do ciclo familiar podem ser pensados em termos de seu eixo horizontal, que é aquele que diz respeito ao desenvolvimento da família no tempo, e inclui eventos previsíveis e imprevisíveis, como nascimento e morte de algum membro, ou mesmo a experiência de atravessar crises inesperadas, por exemplo; e de seu eixo vertical, que trata da transmissão de padrões, valores, mitos e tabus transmitidos intergeracionalmente.

A literatura de família e casal (Carter & McGoldrick, 1995; Relvas, 1996; Bernardi *et al.*, 2018) destaca o momento de transição para a parentalidade como sendo de maior desafio para o grupo familiar em termos de seu ciclo de vida. Isto se deve às mudanças vivenciadas por todos os membros da família nuclear e ampliada. Nesta etapa particularmente propícia a conflitos, pode haver momentos em que desafios contextuais se sobreponham aos já existentes. Seria, possivelmente, este o caso da experiência de famílias com filhos pequenos ao longo dos desafios impostos pelas restrições sociais determinadas pelas autoridades governamentais de todo o mundo para contenção da pandemia do COVID-19, a partir de março de 2020.

A chegada de um filho pode colocar em risco a estabilidade do casal. Além disto, novos padrões interacionais entre os membros do casal, que passa ter que acomodar as novas demandas do novo membro da família, redefinem a conjugalidade (Bornholdt *et al.*, 2007; Hintz & Baginski, 2012). Isto não implica dizer que o período gere automática redução da satisfação e intimidade entre os membros do casal. Pesquisas sugerem que após o nascimento dos filhos, o grau de

intimidade afetiva prévia é um fator preditor do modo de manutenção da satisfação geral do casal pós nascimento dos filhos (Soares & Colossi, 2016; Doss & Rhoades, 2017). A queda na intimidade sexual do casal é um tema recorrente. Em pesquisa com casais canadenses sobre o comportamento sexual no período de transição para parentalidade, Muise *et al.* (2017) discorrem sobre o quanto a compreensão emocional de cada um dos membros do casal sobre as mudanças físicas e psicológicas vivenciadas de modo diferente por cada um, protege o ambiente familiar, ainda que a redução do prazer sexual seja uma realidade.

Teixeira (1996) traz uma importante reflexão sobre este período crítico, afirmando que apesar do grau de individuação se reatualizar com a chegada de um filho, quando o casal consegue transpor as dificuldades de acomodação dos novos papéis e responsabilidades, e acomodar o novo membro, a incrível jornada de individuar e pertencer é fortalecida. O nível de satisfação conjugal na fase anterior ao nascimento do filho aparece como preditor da qualidade da relação afetiva na transição para a parentalidade, uma vez que os subsistemas conjugal e parental estão intimamente interligados (Menezes & Lopes, 2007).

Magalhães (2009) apresenta a ideia de que a conjugalidade encerra em si um mito de continuidade geracional, tendo uma parentalidade como ponto de partida e como destino. Nesta perspectiva, é possível dizer que a dinâmica conjugal está intimamente relacionada ao modelo de parentalidade desenvolvida. Uma dinâmica conjugal regida por ideais tradicionais de uma sociedade patriarcal poderia influenciar em um espaço de exercício de uma parentalidade menos flexível. As famílias contemporâneas cada vez mais abrem espaço para o estabelecimento de relações mais horizontais e determinadas pelos laços afetivos. Isso possibilita, por exemplo, uma abertura de espaço aos pais em relação ao cuidado e afeto dedicados filhos (Rocha-Coutinho, 2003; Matos *et al.*, 2017b; Bernardi *et al.*, 2019)

O aumento gradual do envolvimento paterno ao longo dos anos tem sido uma realidade nas novas configurações familiares. Contudo, apesar de um discurso de efetiva participação, o que muitas vezes ocorre é um pai com pouco espaço para ser o cuidador principal, sendo mais requisitado como rede de apoio à mãe (Silva & Piccinini, 2007; Soares & Colossi, 2016). Isto nem sempre se daria por falta de vontade de participação dos pais, mas também por uma dificuldade das mães em abrirem espaço para o real envolvimento paterno (Krob *et al.*, 2009). As teorias psicanalíticas têm tradicionalmente algum peso neste lugar coadjuvante reservado ao pai, uma vez que os estudos sobre desenvolvimento se debruçavam sobre a díade mãe-bebê (Bowlby, 1969; Winnicott, 2001).

Temos, portanto, que o momento de transição para a parentalidade é uma fase especialmente carregada de desafios, seja para as mães quanto para os pais. No entanto, ainda que o estudo sobre a paternidade venha ganhando importância, é incomparável ao espaço dado aos estudos da díade mãe-bebê.

O período de transição para a parentalidade estaria especialmente carregado de ansiedade (Bowen, 1978), uma vez que esta fase proporciona alto grau de estresse familiar. O nascimento de um bebê, pela instabilidade que gera em todos os membros da família nuclear e ampliada, favorece o surgimento do fenômeno da triangulação. Para Bowen (1978), que foi um dos primeiros autores a falar em transmissão transgeracional emocional, o triângulo é um pressuposto indispensável para que ela ocorra. Quando a ansiedade entre os membros de uma díade aumenta, o relacionamento entre eles se expande para descarregar esta energia e passa a se compor unidades de três indivíduos. É importante lembrar que a triangulação por si

só não é boa nem ruim, sendo um recurso utilizado por todos os seres humanos. Muitas vezes, a ansiedade está em graus relativamente baixos e, portanto, podem nem mesmo serem observada.

A vivência da triangulação surgida pelo nascimento do primeiro filho pode gerar no pai sentimentos de exclusão quando confrontado com a relação da mãe com o bebê, que muitas vezes são reforçados pelas diferenças culturais desempenhadas pelos gêneros sexuais (Piccinini *et al.*, 2009; Zornig, 2010). Há no imaginário social a ideia de que haveria uma natural aptidão feminina para a maternidade (Badinter, 1985; Staudt & Wagner, 2008), o que vem sendo cada vez mais contestado pelo crescente número de pais envolvidos no cuidado prático e emocional de seus filhos, possibilitando que cada família encontre seu próprio arranjo, sem imposição de estereótipos e padrões (Gomes & Resende, 2004; Silva & Piccinini, 2007; Matos & Magalhães, 2019).

As acomodações necessárias para inclusão do novo membro familiar podem vir acompanhadas de realização pessoal, mas também de estresse (Matos *et al.*, 2017b). Temos, portanto, que o momento de transição para a parentalidade é uma fase especialmente carregada de desafios, seja para as mães quanto para os pais.

A paternidade contemporânea tem como pano de fundo uma série de mudanças sociais, especialmente a entrada na mulher no mercado de trabalho e a consequente transformação nas relações de gênero (Rocha-Coutinho, 2003; Matos *et al.*, 2017b). A ocupação do espaço público pelas mulheres acabou por abrir caminhos para que os homens participassem do espaço privado. Staudt e Wagner (2008) discorrem que muitas vezes é necessário um esforço dos homens para conseguir um espaço dentro do ambiente doméstico. Mesmo sendo uma dificuldade que não salta aos olhos, a verdade é que muitas vezes quando mulheres são vistas ocupando espaços masculinos, isso é visto com conotação positiva. Quando homens entram na esfera feminina, muitas vezes o social lhe diz que haveria um impacto negativo sobre sua masculinidade. Portanto, o exercício da paternidade contemporânea surge em um cenário de convivência de referenciais contemporâneos com os tradicionais, sendo importante ressaltar que persiste o desejo do homem pela chancela feminina ao seu modo de ser pai, especialmente da esposa, mas também de suas próprias mães (Piccinini *et al.*, 2012; Matos & Magalhães, 2019).

Parke (1996) discorre sobre o caráter sistêmico e multifatorial do envolvimento paterno, afirmando que este não simplesmente acontece, mas é o resultado das influências recíprocas das características individuais do pai e da criança; das relações familiares diádicas e triádicas; relações extrafamiliares; e influências culturais. Quando a mãe concede ao pai espaço para que este exerça sua função de cuidador principal, os papéis se tornam equiparados, gerando maior satisfação conjugal pela redução de sobrecarga feminina (Wagner *et al.*, 2005; Dessen & Oliveira, 2013; Matos & Magalhães, 2019).

No campo das influências familiares que impactam a paternidade, se ressalta a relação conjugal. Parke (1996) ressalta o impacto profundo da qualidade da relação conjugal no envolvimento paterno, de forma que é preciso avaliar se as mães encorajam a participação de seus companheiros nos cuidados com filhos ou se, na verdade, atuam como barreiras que limitam o acesso dos pais às crianças. Além disso, é importante considerar que culturalmente o papel materno é melhor delimitado do que o papel paterno (McBride & Rane, 1997; Matos *et al.*, 2017b). Outro fator que se pretende destacar é a influência cultural sobre o construto do envolvimento paterno. Esta diz respeito tanto aos impactos das atitudes parentais

em relação aos gêneros, quanto também sobre o contexto histórico-temporal. Assim, seria impossível destacar os desafios próprios do ciclo de vida familiar de situações catastróficas de impacto mundial, a exemplo da pandemia do COVID-19.

Nos primeiros meses de 2020 o mundo inteiro se viu diante da decretação da pandemia do COVID-19. Por se tratar de uma doença até então desconhecida, as entidades governamentais dos mais diversos países decretaram medidas de isolamento social para contenção da disseminação do vírus. De uma hora para outra, escolas, empresas e estabelecimentos comerciais foram fechados. As famílias passaram a um convívio ininterrupto e o trabalho remunerado foi levado para dentro dos lares. Desde então, a comunidade científica de todo mundo vem se debruçando nos mais diversos estudos sobre os impactos da pandemia, seja em termos de redução da disseminação do vírus, sobre os impactos financeiros, sociais e familiares. No entanto, ainda não há um robusto corpo teórico e empírico sobre o tema.

Poucos estudos se propuseram a pesquisar os impactos das medidas restritivas na saúde física e emocional dos sujeitos, nas relações familiares e, em particular, nos casais em fase de transição para a parentalidade (Fernandes *et al.*, 2021; Lebow, 2020; Öngören, 2021). Conforme já mencionado, a transição para a parentalidade já é um período de mudanças e se mostra como terreno fértil para conflitos decorrentes das mudanças naturalmente exigidas. Sendo assim, o questionamento sobre a perspectiva de pais sobre a vivência deste período, e seus impactos na relação conjugal, em um contexto de tamanha crise social, se mostra relevante.

Delatorre e Wagner (2021) contribuem com a discussão sobre a importância do estudo de casais, clarificando o conceito de satisfação conjugal. Esta é definida como um construto multidimensional, uma avaliação subjetiva da realidade do casal. As autoras ratificam a importância das características individuais, do contexto e dos processos adaptativos ao se considerar a qualidade do relacionamento. A avaliação da satisfação conjugal passa por fatores conscientes e inconscientes, variáveis externas ao casal e percepções individuais de cada membro sobre sua intimidade.

O interesse teórico e empírico sobre a satisfação conjugal não é recente; no entanto, no contexto da pandemia da COVID-19, em que os casais foram obrigados a conviver ininterruptamente, com redução de sua rede apoio (família extensa e escolas), há o surgimento de um importante estressor para as relações familiares íntimas (Williamson, 2021), que se sobrepõe a desafios já previsíveis e preexistentes.

Os estudos sobre as vivências de casais na pandemia e suas percepções sobre aspectos da conjugalidade, a exemplo da sexualidade e da satisfação conjugal, e sua relação com a parentalidade, a depender do país e do momento em que foram realizados (primeiros meses de isolamento social ou período de reabertura de escolas, por exemplo), trazem os mais diversos resultados. Pesquisa de Forbes *et al.* (2021) com mães e pais acerca de suas atitudes parentais, durante o isolamento social da pandemia de COVID-19 nos Estados Unidos, confirmaram esta multiplicidade de experiências, sendo que observaram prevalência da dedicação de mães no cuidado doméstico e com os filhos. O mesmo resultado foi encontrado em pesquisa com casais de dupla carreira com filhos pequenos, também nos Estados Unidos, que relatou um maior aumento percentual do trabalho feminino na pandemia (Schockley *et al.*, 2021).

Em relação aos impactos na intimidade do casal durante a pandemia da COVID-19, Panzeri *et al.* (2020) encontraram redução na percepção sobre a qualidade do relacionamento íntimo de casais na Itália, quando comparados os períodos pré e pós pandemia, devido à redução de privacidade e presença constante do parceiro. Pesquisa de Ibarra *et al.* (2020) sobre comportamento sexual na pandemia, com sujeitos do Iran, da Itália e da Espanha, demonstrou queda nas relações sexuais devido a múltiplos fatores, tais como a saúde emocional individual dos membros do casal, presença constante das crianças em casa, medo de contágio do SARS-COV-2, e convivência forçada com parceiros. Sendo a intimidade sexual um importante componente da conjugalidade, tais achados se mostram importantes para compreensão dos impactos da pandemia nos casais.

Considerando a sobreposição de desafios implicados na vivência do exercício da paternidade de crianças pequenas ao longo da maior crise sanitária do século, e adicionando a existência de poucos estudos que explorem a experiência de pais, esta pesquisa se mostra relevante. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar a percepção de pais sobre a conjugalidade vivenciada no período de transição para a parentalidade no contexto da pandemia de COVID-19.

## Método

A fim de atingir os objetivos desta investigação foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa.

### *Participantes*

Participaram do estudo dez pais primíparos, das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, brancos, heterossexuais, pertencentes às camadas médias da população (Velho, 1987), com idades entre 24 e 43 anos, com filhos com idades entre 7 meses e 1 ano e 7 meses, que coabitam com a mãe da criança há pelo menos dois anos.

A escolha por estudar pais primíparos, com filhos de idades entre seis meses e dois anos, baseia-se na literatura que entende que a chegada do primeiro filho é uma das maiores crises vividas pelo casal, sendo também a fase em que acontece um grande número de divórcios (Carter & McGoldrick, 1995). A escolha por pais acima de 24 anos de idade pretende homogeneizar a amostra, excluindo-se, assim, pais adolescentes, uma vez que a paternidade na adolescência possui questões próprias desta fase do ciclo de vida.

A Tabela 1 apresenta o perfil dos respectivos participantes.

**Tabela 1**

*Perfil sociodemográfico dos participantes do estudo*

Sujeito	Idade	Escolaridade	Tempo de casamento	Idade do(a) filho (a)	Nível socioeconômico	Config. Familiar
P1	36	Mestrado	4 anos	1a 1m	Médio	Casada
P2	35	Sup. completo	5 anos	1a 7m	Médio-alto	Separada
P3	24	Mestrado	3 anos	1a 5m	Médio-alto	Casada
P4	32	Especialização	6 anos	1a 7m	Alto	Casada
P5	34	Especialização	4 anos	8m	Médio-alto	Casada

P6	35	Mestrado	3 anos	1a 6m	Médio	Casada
P7	30	Sup. completo	9 anos	1a 1m	Médio-baixo	Casada
P8	43	Sup. completo	4 anos	8m	Médio-baixo	Separada
P9	27	Sup. completo	3 anos	1a 6m	Médio	Casada
P10	38	Mestrado	3 anos	7m	Médio-alto	Separada

### ***Instrumentos***

Os participantes preencheram uma Ficha de Avaliação Biográfica, contendo informações como idade; tempo de casamento; profissão; escolaridade; idade, profissão e escolaridade de seu cônjuge; idade do(a) filho(a); nível socioeconômico da família; e configuração da família de origem. Como instrumento de investigação foram realizadas entrevistas com roteiro semiestruturado, construído a partir de revisão da literatura, contemplando os seguintes eixos temáticos: exercício do papel parental; transmissão geracional da paternidade; e impactos do nascimento do primeiro filho na conjugalidade.

### ***Procedimentos***

O projeto desta pesquisa foi aprovado pela Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mediante o parecer 055/2021, seguindo as recomendações da Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016 (Conselho Nacional de Saúde, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

Alguns participantes deste estudo foram indicados pela rede de relacionamento da pesquisadora; já outros foram recrutados a partir de uma chamada para participação da pesquisa divulgada online nas redes sociais da pesquisadora e do LEFaC – Laboratório de Estudos em Família e Casal da PUC-Rio, do qual a pesquisadora faz parte. Como critério para participação no estudo, o sujeito deveria ser pai primíparo, ter entre 24 e 45 anos de idade, coabitar com a mãe de seu(sua) filho(a), e os(as) filhos(as) terem entre 6 meses e dois anos de idade.

As entrevistas foram realizadas exclusivamente pela pesquisadora e aconteceram virtualmente, por meio da plataforma virtual Zoom, em dia e hora determinados pelos entrevistados, e tiveram duração média de uma hora. Todas as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, integralmente transcritas para análise do conteúdo manifesto e latente.

### **Resultados e Discussão**

As entrevistas foram integralmente transcritas e os dados obtidos submetidos ao método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2016), em sua vertente categorial. Este tipo de análise permite o surgimento de categorias de análise e padrões de respostas a partir do material, sem que as conclusões estejam vinculadas a uma hipótese prévia. O referencial teórico utilizado baseia-se em uma articulação das teorias sistêmica e psicanalítica de família e casal (Féres-Carneiro, 1996).

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, serão apresentadas e discutidas as categorias mudanças percebidas na intimidade conjugal; percepção dos pais sobre a avaliação materna, desdobrada nas subcategorias validação materna

percebida pelos pais e “a palavra final é a dela; e repercussões da pandemia na vida conjugal.

Para apresentação dos resultados, os pais foram nomeados de P1 a P10.

#### *Mudanças percebidas na intimidade conjugal*

Esta categoria se refere aos desafios percebidos pelos pais na fase de transição para a parentalidade em relação à intimidade conjugal, seja em termos afetivos ou sexuais. A acumulação de novas responsabilidades e papéis parentais muitas vezes vem acompanhada de necessidade de certos ajustes conjugais, seja em termos subjetivos, seja em relação ao tempo disponível para o casal. É comum que os pais se sintam preteridos nesta equação, em um momento em que tradicionalmente se valoriza a díade mãe-bebê. É perdido o espaço do casal conjugal, em uma fase de maior sensibilidade e adaptação para ambos parceiros.

Total, negativamente falando né, afetou muito, muito, muito né. (...)

Mudou o físico, o contato, o toque, a relação; porque é o que eu coloco assim... passa a ser uma situação de invisibilidade, não é maldade, não é. É invisível... você é invisível, porque você passa a estar fora da órbita ali e aí você tem um layout que é modificado dentro desses papéis sociais, onde você é o último do grau de escala, né? Então, ninguém quer saber, vamos dizer assim, né?. (P1)

A gente teve que reaprender a viver como casal, porque agora tem um bebezinho que ocupa noventa e nove por cento do tempo da mãe (risadas); ocupa mais algum bom percentual também do tempo do pai. Então, momentos mais íntimos ficam mais distantes, momentos de lazer entre casal ficam mais distantes, cinema, viagens, momentos mais românticos... acho que se distanciam um pouquinho. (...) Até porque o nosso filho dorme no nosso quarto, a gente não se desprende disso, ainda não conseguimos. Agora tá de certa forma restrito, né?. (P2)

A gente teve vários pontos de atrito ao longo desse ‘se acertar como pai e mãe’, de redescobrir. (...) Na questão da intimidade, eu acho que aumentou um pouco a intimidade porque a gente passou a viver muito tempo dentro de casa em contato próximo. Então a gente descobriu a intimidade de outras formas, digamos assim. Mas certamente diminuí a frequência de relação sexuais, diminuí assim a liberdade que a gente. (P3)

Ahn diminuí mais por cansaço, sabe? A gente hoje tem menos disposição por estar mais cansado. Mas nosso filho dorme fácil longe da gente. (...) Mas quando ele dorme muito tarde a nossa disposição já tá mais pra ‘putz, dormir, que amanhã é outro dia’, sabe? Então deu uma diminuída bem razoável, assim, bem considerável, pra te falar a verdade. A gente ainda faz sexo uma vez por semana, praticamente, mas dificilmente passa disso também. (P4)

Mudou muito. A gente tá com bem mais dificuldade de ter intimidade como casal, estamos tentando ajustar. (...) Nas noites mal dormidas, aí um levanta junto com o outro pra apoiar, acho que isso mudou. É tudo muito intenso, né, mas eu acho que acabou fortalecendo esse vínculo, esse laço, é a minha impressão. (P5)

Ela teve uma queda na libido no fim da gravidez, e também é normal durante a amamentação, a libido também não ser o normal antes da gravidez, digamos assim. O corpo não tá querendo ter outra gravidez, porque ela tá amamentando alguém. Então, não faz sentido você ter a libido pra poder você, entre aspas, ficar grávida, não é o que o corpo precisa. Nossa filha dorme no nosso quarto, então, também, né? Inviabiliza qualquer tipo de intimidade, sexo, no quarto. Eu tento ser paciente... pra mim é difícil, né? Como eu não tô amamentando ninguém, a minha libido continua igual (risadas). (P6)

As falas dos pais entrevistados reforçam a literatura que aponta que a fase de transição para a parentalidade é a de maior desafio para a família (Carter & McGoldrick, 1995), especialmente porque é necessário o ajuste de novos papéis e

responsabilidades que propiciem um melhor desenvolvimento físico e psíquico dos filhos. É o momento de abrirem espaço para a entrada de um novo membro, o que muitas vezes é vivenciado pelo pai como sendo excluído das preocupações e expressões de afeto da companheira (Matos *et al.*, 2017b).

Todos os sujeitos relatam o quanto sentem falta da intimidade e proximidade conjugal que vivenciavam antes do nascimento, especialmente em relação à redução da frequência das relações sexuais. P1 fala claramente sobre a vivência de uma invisibilidade avassaladora pelo fato do espaço emocional e físico que a chegada da filha tomou dele. As falas dos sujeitos corroboram os estudos sobre a percepção de pais sobre a redução de um espaço para o casal, gerando ciúmes e sentimentos de exclusão (Soares & Colossi, 2016; Krob *et al.*, 2009; Hintz & Baginski, 2012). Bernardi *et al.*, (2019) discorrem sobre as expectativas sociais sobre a execução de papéis parentais, o que retira do casal espaço para falarem sobre as dificuldades deste momento de vida.

A redução da frequência das relações sexuais é percebida e ressaltada pelos participantes, o que reforça o entendimento sobre as mudanças do período de transição para a paternidade impactarem na vida a dois (Soares & Colossi, 2016; Muise *et al.*, 2017). Tal impacto não significa automática redução na intimidade geral dos membros do casal, tal qual relatado pelos pais P5 e P6, que percebem que a intimidade emocional do casal se fortaleceu no período. Ademais, é necessário ressaltar que no caso específico dos sujeitos desta pesquisa, a experiência se deu no contexto da pandemia da COVID-19. A sobreposição deste contexto estressor torna difícil diferenciar o quanto os desafios percebidos referem-se unicamente à transição para a paternidade e o quanto decorrem do contexto de crise gerado pela pandemia (Ibarra *et al.*, 2020; Panzeri *et al.*, 2020).

#### *Percepção dos pais sobre a avaliação materna*

Esta categoria se refere aos relatos dos pais sobre a percepção das esposas sobre o exercício da paternidade. Esta categoria foi desdobrada nas subcategorias: validação materna e “a palavra que vale é a dela”. Socialmente, a ideia de que as mulheres sabem a melhor forma de cuidar dos filhos e que, por isso, devem validar ou não o que os pais fazem, ainda é muito presente.

#### *Validação materna percebida pelos pais*

A subcategoria validação materna se refere ao relato dos sujeitos sobre a percepção de suas esposas sobre seu modo de ser pai. É possível pensar no peso que a ideia socialmente concebida de que a maternidade se sobrepõe à paternidade, faça com que os pais necessitem ouvir de suas parceiras que estas os consideram um bom pai.

Ela sabe que eu faço bastante coisa, até, né? (...) E aí, as vezes, ela dá umas... fala "porra, você podia passar mais tempo com seu filho", e tal. Mas é mais um estresse dela de as vezes eu ter que estender um pouco o trabalho, tenho que resolver alguma coisa. Ou quando ele está mais carente querendo ficar comigo, ela dá umas surtadas. Mas acho que, de uma maneira geral, ela me vê de uma forma boa, sabe? (P4)

Acho que minha mulher me vê como um bom pai, por algumas razões, assim... Ela já falou isso algumas vezes... porque, na verdade eu deixo ela à vontade depois da gestação, no período de puerpério e tudo. (P5)

Mas aí eu fui a rede de apoio dela, eu peguei o que dava pra pegar pra eu fazer da nossa filha e dela, e dar o tempo dela. (...) Pra mulher não interessa o quanto eu me esforce, pra mulher é sempre mais difícil, ainda mais a mãe que amamenta. (P6)

Acho que pelo fato da gente sempre conversar muito, ela sempre fala que eu sou um bom pai, a gente sempre tenta se elogiar, a gente tenta sempre reconhecer um ao outro. Então é isso, então acaba que eu sei que é a visão que ela tem por mim né. E a gente sabe também que a gente não é perfeito e que a gente erra, né?. (P9)

Os relatos apresentados reforçam a visão sistêmica da paternidade, uma vez que o apoio das mães para que os pais desempenhem seus papéis e responsabilidades é essencial (Parke, 1996; Dessen & Oliveira, 2013; Belo *et al.*, 2015). Ainda que os pais venham cada vez mais ocupando o espaço privado e se permitindo um papel de protagonismo compartilhado na educação prática e emocional de seus filhos, muitas vezes ainda há a ambivalência de se ver como rede de apoio materna (Silva & Piccinini, 2007; Belo *et al.*, 2015; Matos *et al.*, 2017b).

*“A palavra que vale é a dela”*

Esta subcategoria apresenta os relatos dos pais que reforçam uma visão tradicional sobre o protagonismo materno em relação aos cuidados com os filhos. Ainda que os sujeitos estejam se empenhando em participar mais dos cuidados domésticos e com as crianças, os pais não se sentem autônomos neste processo. Quando há alguma divergência de opiniões, os próprios pais ainda abrem mão de suas visões, por individualmente perpetuarem a ideia de que as mães são naturalmente melhores cuidadoras e conhecedoras dos filhos.

Então, é um processo do qual você tem que ter muitas renúncias, umas coisas, algumas situações, algumas decisões... as vezes eu faço uma coisa e aí é refeita a coisa porque foi eu que fiz entendeu? (...) Dentro desse processo, se eu fizer alguma de diferente do que está dentro da rotina da nossa filha, desse programado, eu seria o errado desse processo. Não tenho autonomia. (P1)

Eu tento respeitar muito porque eu entendo que ela tem um sentimento, ela tem uma ligação que eu acho que eu não vou ter. Existe algo entre mãe e filho que por mais que o pai se esforce muito, não sei, é algo... pra mim, na minha cabeça, é algo que a gente não explica, que não existe uma ciência. Então, acho que ela sente algumas coisas, acho que ela tem umas sacadas que eu não tenho, que eu não consigo pensar. Acho que é algo de mãe que nasce dentro da mulher, então eu tento sempre levar muito em consideração a opinião dela e tal. E eu acho que outras vezes, também, ela consegue entender a minha. (P2)

De maneira geral, nas decisões maiores, a gente tem bem facilidade pra entrar em acordo, sabe? Mas quando não tem acordo, aí ela vence. (P4)

Eu tento convencer, mas eu sempre perco, eu não consigo ganhar (risadas). (P7)

Nós sempre conversamos os pontos positivos e os negativos. Nunca surgiu conflito, mas se for surgir, a palavra que vale é a dela (risadas). (P8)

Nenhum dos dois é inflexível, intransigente com as questões do nosso filho, né? A gente debate muito, conversa muito, ele é o assunto da nossa vida, né? (...) Mas se tiver um conflito, aí eu baixo minha bola e vai fazer o que ela quer (risadas). (P10)

É inegável o aumento do envolvimento paterno nos cuidados com os filhos. No entanto, os achados parecem reforçar a ideia discutida por alguns autores de que no imaginário social contemporâneo ainda há a ideia de que as mães sabem como melhor cuidar das crianças (Gomes & Resende, 2004; Staudt & Wagner, 2008; Soares & Colossi, 2016), de forma que, quando discordam de algum posicionamento, é natural que os pais cedam ao posicionamento materno, considerado por eles como inato e natural (Badinter, 1985; Staudt & Wagner, 2008).

*Repercussões da pandemia na vida a dois*

Esta categoria adiciona ao período de transição para a paternidade a importância percebida pelos sujeitos quanto ao contexto em que vivenciaram esta

fase do ciclo de vida familiar. A pandemia da COVID-19 e as restrições sociais por ela impostas foram um importante fator de impacto à saúde emocional individual de cada um dos membros do casal, além de impactar diretamente na rotina do casal.

Acho que a gente hoje está afetado, a gente está estremecido, abalado, ninguém aguenta mais ficar em casa e ninguém aguenta mais ir na rua com medo. É muita preocupação hoje na nossa cabeça, então a gente não está... eu, pelo menos, digo por mim, eu não estou em paz. (...) Então, acho que isso também acaba estremecendo de uma certa forma. Tem horas que eu piro um pouco, e eu vejo que acaba que a família é onde eu acabo descarregando, dentro da relação. Então, acho que tem mais pontos negativos, acho que essa questão psicológica nossa fica bem abalada, fica bem prejudicada. (P2)

Eu acho que o contato forçado, a principal coisa que vem é um certo nível de estresse basal de estar muito em contato com a pessoa. E os dias, os momentos, as semanas... as vezes que a gente fica trancafiado em casa, vinte e quatro horas por dia, é muito difícil de não querer se dar tapa... se dar tapa no sentido de, assim, de se dar esporrinhos, de querer chamar atenção pra coisas que são irrelevantes. Você fica querendo invadir o espaço pessoal do outro. (P3)

A pandemia tirou muita oportunidade da gente sair como casal, sabe? De poder ir num restaurante, ir num barzinho. E com nosso filho é ainda mais difícil, né. (...) A tensão em casa aumentou porque, putz, dia inteiro junto, né? É junto e não junto, né? Porque eu tô o dia inteiro aqui no quarto trancado, né? Então eu não tô nem longe o suficiente pra fazer falta e nem perto suficiente pra ajudar, né? (P4)

A gente realmente não saía de casa para nada. Então, assim, teve aquelas rugas até novamente as coisas se assentarem. Ainda mais com nossa filha dando o trabalho que dá, né? Criança pequena, só duas pessoas sozinhas... cuidando da casa e tudo mais, muito trabalho. Eu já estava trabalhando em home office, né? Então, essa convivência vinte e quatro horas por dia só com aquela pessoa, o tempo todo, às vezes cansa, sabe? Não tem como você não brigar e não ter qualquer tipo de ruga, né? Mas aí depois a gente vai se acertando, sabe? (P6)

As repercussões da pandemia acabam afetando a gente porque a gente tem muito tempo sozinho, né? A gente não tinha muito contato com amigos. (...) E com filho isso é muito difícil, com filho a gente não tem tempo pra ficar vendo série, sabe? Não tem “Ah, vou ficar aqui lendo livro, vou trocar ideia, sei lá, vou ficar mexendo no whatsapp pra ficar conversando com amigo”, sabe? A gente não tem tempo pra isso, é só filho, filho, filho. Então essas coisas foram um pouco pesadas e isso afeta, sabe? Acaba afetando a nossa saúde mental. (P9)

Os relatos dos sujeitos corroboram os estudos já publicados sobre os impactos das medidas restritivas impostas pelo isolamento social determinado para contenção da pandemia da COVID-19. Individualmente, os sujeitos perceberam repercussões físicas e emocionais (Panzeri *et al.*, 2020). Em relação ao casal, ficou claro o quanto a proximidade forçada e a necessidade de cuidados constantes com os filhos, sem rede de apoio extrafamiliar devido às determinações de fechamento de escolas e de proibição de convívio social, sobrecarregaram os membros do casal, reforçando achados de pesquisas sobre o tema (Ibarra *et al.*, 2020; Luetke *et al.*, 2020; Torrez-Cruz *et al.*, 2021).

### Considerações Finais

Os estudos de família e casal apontam o quanto o período de transição para a parentalidade é especialmente carregado de desafios para a família nuclear e mesmo para a família ampliada, uma vez que todos os membros da família saltam um grau na escada geracional. Assim, se mostra importante o estudo desta fase em contextos excepcionais que atuam como um desafio social sobreposto àquele já compatível ao período.

Além da exigência de readequação de papéis e responsabilidades, os casais que vivenciaram esta fase no momento de restrição do convívio social sofreram forte impacto pela exclusão da rede de apoio e convívio social extrafamiliar, que se mostram como importantes recursos para o casal que vivencia um período de crise. É esperado que neste período de maior vulnerabilidade individual e familiar surjam conflitos. No entanto, a existência de conflito não torna automático o sentimento de redução de satisfação conjugal, já que este é um construto multidimensional.

Quando o casal conjugal passa a acumular as funções parentais, tradicionalmente os estudos dedicam maior destaque às percepções maternas sobre o período de transição para a parentalidade. Esta pesquisa buscou ouvir os pais a respeito de suas experiências e opiniões sobre a vivência conjugal ao tornarem-se pais no contexto de pandemia. Concluiu-se que o período de isolamento social foi um estressor adicional para os casais, devido ao convívio ininterrupto entre os membros. A percepção de satisfação conjugal em relação à intimidade emocional e à intimidade sexual se manteve coerente às percepções prévias ao período de crise.

Pela natureza desta investigação, não há como generalizar os resultados. Sugerimos que novos estudos com maior número de sujeitos de diferentes estados da federação sejam realizados em pesquisas futuras. Em contribuição com o campo de estudos qualitativos, sugere-se a realização de mais pesquisas sobre o olhar paterno sobre a conjugalidade vivenciada na transição para a paternidade, além de ressaltarmos a importância de novos estudos sobre os impactos da pandemia nas relações conjugais e familiares.

## Conclusão

Este trabalho buscou apresentar as experiências e desafios do período de transição para a parentalidade sob a ótica paterna no contexto da pandemia da COVID-19. A partir da discussão apresentada neste trabalho, pudemos concluir que a transição para a paternidade é um momento de reestruturação subjetiva, que invariavelmente impacta a relação do sujeito consigo mesmo, com os outros, e com a cultura. O contexto em que o trabalho foi realizado merece destaque, uma vez que se trata de um cenário da maior crise sanitária, econômica e social do último século.

As experiências relatadas neste estudo demonstraram o quanto o papel paterno vem sendo ressignificado ao longo dos anos, possibilitando que os pais cada vez mais dividam o protagonismo da educação prática e afetiva de seus filhos com as mães, ocupando o lugar que tradicionalmente era dedicado exclusivamente a elas.

Tendo em vista a relevância das relações íntimas e seus impactos na subjetividade dos indivíduos, é inegável considerar a importância do relacionamento conjugal para compreensão mais ampla da paternidade. Este estudo pôde contribuir com a perspectiva de pais sobre os impactos desta interrelação, concluindo que a vivência de um momento de crise, por si só, não impacta negativamente a percepção de satisfação conjugal do casal. Tal percepção parece ter relação com recursos prévios do casal, de forma que um momento desafiador pode ser percebido como oportunidade de ressaltar percepções anteriores ao momento de crise. Ainda que a paternidade venha cada vez mais ocupando seu lugar de protagonismo na família, a necessidade de validação por parte das mães ainda é uma realidade.

Assim, esta investigação buscou contribuir com a literatura específica sobre paternidade contemporânea, explorando os aspectos multifatoriais do envolvimento paterno e a importância da relação conjugal na parentalidade. A conclusão sobre a importância de maior envolvimento de pais no desenvolvimento dos filhos é necessária tanto teoricamente quanto em termos práticos, para possibilitar um aumento do apoio social ao exercício pleno e afetivo da parentalidade. Ao observarmos que a pandemia possibilitou maior disponibilidade dos pais nos lares de famílias de classe média, e o consequente aumento do envolvimento paterno no período, podemos supor o impacto positivo que medidas como majoração do período de licença paternidade, ou ao menos, a possibilidade de cada família poder decidir a melhor forma de uso do subsídio, poderiam gerar nas relações pais-filhos. Cabe a ressalva de que não há uma busca por impor um novo padrão de relacionamento familiar; ao contrário, o que se pretende é abrir espaço para que cada família possa desenvolver-se livremente, adequando suas práticas parentais e rotinas aos seus próprios valores e suas crenças.

Considerando a metodologia utilizada, os achados não podem ser generalizados. No entanto, as experiências relatadas servem de subsídio para compreensão aprofundada acerca do exercício da paternidade. Cabe salientar que o pano de fundo deste trabalho refere-se às medidas de combate à pandemia da COVID-19 adotadas pelas autoridades governamentais brasileiras, que não podem ser generalizadas para demais contextos mundiais. Ademais, este estudo se encerrou antes da pandemia ter seu fim decretado, o que merece destaque, haja vista que os impactos desta crise ainda permanecem necessitando de maiores estudos a longo prazo.

Por fim, sugere-se que novas investigações dando relevância à percepção paterna sejam realizados, como forma de reafirmar a importância da paternidade

para os indivíduos e para a família. Além disto, espera-se que esta pesquisa possa estimular trabalhos futuros contemplando as repercussões do período de pandemia para as famílias.

## Referências bibliográficas

- Aguiar, J., Matias, M., Braz, A. C., César, F., Coimbra, S., Gaspar, M. F., & Fontaine, A. M. (2021). Parental Burnout and the COVID-19 Pandemic: How Portuguese Parents Experienced Lockdown Measures. *Family Relations*, 70(10), 927-938. <https://doi.org/10.1111/fare.12558>
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American psychologist*, 44(4), 709-716. <https://psycnet.apa.org/buy/1989-25551-001>
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família* (2nd ed.). Livros técnicos e científicos editora.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Nova Fronteira.
- Backes, M. S., Becker, A. P. S., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2018). A paternidade e fatores associados ao envolvimento paterno. *Nova perspectiva sistêmica*, 27(61), 66-81. <https://doi.org/10.38034/nps.v27i61.417>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batista, A., Antunes, B., Faveret, G., Peres, I., Marchesi, J., Cunha, J. P., & Bozza, F. (2020). Análise socioeconômica da taxa de letalidade da COVID-19 no Brasil. *Nucleo de Operacoes e Inteligencia em Saude (NOIS)*. <https://ponte.org/wp-content/uploads/2020/05/NT11-An%C3%A1lise-descritiva-dos-casos-de-COVID-19.pdf>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Jorge Zahar.
- Belo, F. R. R., Guimarães, M. R., & Fidelis, K. A. B. (2015). Pode um pai ser cuidadoso? Crítica à teoria da paternidade em Winnicott. *Psicologia em Estudo*, 20(2), 153-164. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i2.24274>
- Bernardi, D., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2018). Entre o desejo e a decisão: a escolha por ter filhos na atualidade. *Contextos clínicos*, 11(2), 161-173. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2018.112.02>
- Bernardi, D., Mello, R., & Carneiro, T. F. (2019). Ambivalências frente ao projeto parental: vicissitudes da conjugalidade contemporânea. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 9-23. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7155480>
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652007000100006>
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2017). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear.

- Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.  
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19835>
- Bossardi, C. N., Gomes, L., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 237-246.  
<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-746360>
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. Jason Aronson.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Attachment; John Bowlby*. Basic books.
- Brasil (2016). *Resolução n. 510, de 07 de abril de 2016. Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais*. Brasília: CNS.  
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Caillé, P. (1991). *Un et un font trois - Le couple révélé à lui-même*. ESF.
- Carlson, D. L., Petts, R., & Pepin, J. R. (2020). *US couples' divisions of housework and childcare during COVID-19 pandemic* [Manuscrito não publicado]. University of Utah.  
 file:///C:/Users/jorge/Downloads/Carlson\_Petts\_Pepin\_COVID%20working%20paper.pdf
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2.ed). Artes Médicas
- da Silva Gonçalves, L., & Bottoli, C. (2016). Paternidade: a construção do desejo paterno. *Barbarói*, 48(2), 185-204.  
<https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.7566>
- de Oliveira, A. G., & Silva, R. R. (2011). Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia Argumento*, 29(66), 353-360,  
<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20297>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2021). A relação conjugal na perspectiva de casais. *Ciencias Psicológicas*, 15(1), 1-20.  
<https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2355>
- Dessen, M. A., & Oliveira, M. R. D. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. *Psicologia: reflexão e crítica*, 26(1), 184-192.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-79722013000100020>
- Doss, B. D., & Rhoades, G. K. (2017). The transition to parenthood: Impact on couples' romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13(1), 25-28. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2016.04.003>
- dos Santos, D. A., & Da Silva, L. B. (2021). Relações entre trabalho e gênero na pandemia do covid-19: o invisível salta aos olhos. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, 32(1), 10-34.  
<https://doi.org/10.31423/oikos.v32i1.10526>
- Féres-Carneiro, T. (1996). Terapia familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. *Psicologia:*

*Ciência e Profissão*, 16(1), 38-42. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931996000100007>

- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11(2), 379-394. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Fernandes, C. S., Magalhães, B., Silva, S., & Edra, B. (2021). Marital Satisfaction of Portuguese Families in Times of Social Lockdown. *The Family Journal*, 10664807211009809. <https://doi.org/10.1177/10664807211009809>
- Forbes, L. K., Lamar, M. R., Speciale, M., & Donovan, C. (2021). Mothers' and fathers' parenting attitudes during COVID-19. *Current Psychology*, 41(1), 1-10. <https://link.springer.com/article/10.1007/s12144-021-01605-x>
- Gomes, A. J. D. S., & Resende, V. D. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 20(2), 119-125. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200004>
- Gonçalves, T. R., Guimarães, L. E., Silva, M. D. R., Lopes, R. D. C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Experiência da paternidade aos três meses do bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 599-608. <https://www.scielo.br/j/prc/a/ddsyK5CBPcQZ8SxtX3xTdSr/?format=pdf&lang=pt>
- Hintz, H. C. & Baginski, P. H. (2012). Vínculo conjugal e transição para a parentalidade: fragilidades e possíveis superações. *Revista Brasileira de Terapia de Família*, 4(1), 10-22. <http://abratef.org.br/2019/wp-content/uploads/2019/09/Revista-Vol4.pdf#page=9>
- Ibarra, F. P., Mehrad, M., Mauro, M. D., Godoy, M. F. P., Cruz, E. G., Nilforoushadeh, M. A., & Russo, G. I. (2020). Impact of the COVID-19 pandemic on the sexual behavior of the population. The vision of the east and the west. *International Brazilian Journal of Urology*, 46(1), 104-112. <https://doi.org/10.1590/S1677-5538.IBJU.2020.S116>
- Jager, M. E., & Bottoli, C. (2011) Paternidade: Vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 141-153. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193819303011.pdf>
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. D. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000200008>
- Lamb, M. E. (1997). The development of father–infant relationships. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 104–120). John Wiley & Sons Inc.

- Lamb, M. E., Pleck, J. H., & Levine, J. A. (1985). The Role of the Father in Child Development. *Advances in Clinical Child Psychology*, 229–266. [https://doi.org/10.1007/978-1-4613-9820-2\\_7](https://doi.org/10.1007/978-1-4613-9820-2_7)
- Lebow, J. L. (2020). Family in the age of COVID-19. *Family process*. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>
- Luetke, M., Hensel, D., Herbenick, D., & Rosenberg, M. (2020). Romantic relationship conflict due to the COVID-19 pandemic and changes in intimate and sexual behaviors in a nationally representative sample of American adults. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 46(8), 747-762. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2020.1810185>
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912020000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012)
- Magalhães, A. S. (2009). Conjugalidade e parentalidade na clínica com famílias. *Casal e família: Permanências e rupturas*. [https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio\\_resumo2013/resumos\\_pdf/ctch/PSI/PSI-2419\\_Anielle%20Cristine%20Farias%20Queiroz%20dos%20Santos-Mais.pdf](https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2013/resumos_pdf/ctch/PSI/PSI-2419_Anielle%20Cristine%20Farias%20Queiroz%20dos%20Santos-Mais.pdf)
- Matos, M. G., & Magalhães, A. S. (2019). Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. *Psicologia Revista*, 28(1), 151-173. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2019v28i1p151-173>
- Matos, M. G. D., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017a). Gestação paterna: uma experiência subjetiva. *Barbarói*, 49(1), 147-165. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.8513>
- Matos, M. G. D., Magalhães, A. S., Féres-Carneiro, T., & Machado, R. N. (2017b). Construindo o vínculo pai-bebê: a experiência dos pais. *Psico-USF*, 22(2), 261-271. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220206>
- McBride, B., & Rane, T. (1997). Role identity, role investments, and paternal involvement: implications for parenting programs for men. *Early Childhood Research Quarterly*, 12(2), 173-197. [https://doi.org/10.1016/S0885-2006\(97\)90013-2](https://doi.org/10.1016/S0885-2006(97)90013-2)
- Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2007). Rela o conjugal na transi o para a parentalidade: gesta o at  dezoito meses do beb . *Psico-USF*, 12(1), 83-93. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000100010>
- Minuchin, S. (1982). Reflections on boundaries. *American Journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 655-663. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01455.x>
- Muise, A., Kim, J. J., Impett, E. A., & Rosen, N. O. (2017). Understanding when a partner is not in the mood: Sexual communal strength in

- couples transitioning to parenthood. *Archives of Sexual Behavior*, 46(7), 1993-2006. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10508-016-0920-2>
- Navarro, P., Lívero, Í., & Chagas, M. (2021). Paternidade em tempos pandêmicos no discurso jornalístico. *Revista Heterotópica*, 3(1), 17-42. <https://doi.org/10.14393/HTP-v3n1-2021-58575>
- Negreiros, T. C. G. M., & Féres-Carneiro, T. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. *Estudo em Psicologia*, 4(1), 34-47. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004)
- Öngören, S. (2021). The pandemic period and the parent-child relationship. *International Journal of Contemporary Educational Research*, 8(1), 94-110. <https://doi.org/10.33200/ijcer.800990>
- Panzeri, M., Ferrucci, R., Cozza, A., & Fontanesi, L. (2020). Changes in sexuality and quality of couple relationship during the Covid-19 lockdown. *Frontiers in psychology*, 11, 1-8. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.565823>
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Harvard University Press.
- Petrini, G. (2016) A figura paterna: dimensão dramática das relações entre pais e filhos. In: L. Moreira, E. P. Rabinovich, P. S. Zucoloto (Org.), *Paternidade Na Sociedade Contemporânea: O Envolvimento Paterno e as mudanças na família*. Juruá Editora.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D., & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 373-382. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000300010>
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. C. S. & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 303-314. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/9rWVBnCLFNLMC4bdJGsCkKP/?format=pdf&lang=pt>
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb(Ed.), *The role of the father in child development* (pp. 66-103). John Wiley & Sons, Inc.
- Relvas, A. P. (1996). O ciclo vital da família: Perspectiva sistêmica. Edições Afrontamento.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psicologia clínica*, 15(2), 93-107. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-453643>
- Roudinesco, E. (2003). *A Família em Desordem*. Zahar.
- Santis, L. D., & Barham, E. J. (2017). Envolvimento paterno: construção de um modelo teórico baseado em uma revisão da literatura. *Trends in Psychology*, 25 (3), 941-953. <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-03Pt>

- Shafer, K., Scheibling, C., & Milkie, M. A. (2020). The Division of Domestic Labor before and during the COVID-19 Pandemic in Canada: Stagnation versus Shifts in Fathers' Contributions. *Canadian Review of Sociology/Revue canadienne de sociologie*, 57(4), 523-549. <https://doi.org/10.1111/cars.12315>
- Schockley, K. M., Clark, M. A., Dodd, H., & King, E. B. (2021). Work-family strategies during COVID-19: Examining gender dynamics among dual-earner couples with young children. *Journal of Applied Psychology*, 106(1), 15-28. <https://doi.org/10.1037/apl0000857>
- Silva, M. D. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 24(4), 561-573. <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Pr4ZP7DtFj7dvyQD8Xmdpvr/?format=pdf&lang=pt>
- Silva, I. M. D. R., Schmidt, B., Lordello, S. R., Noal, D. D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*, 24(1), 12-28. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40030>
- Singly, F. (2007). *Sociologia da Família Contemporânea*. Editora FGV.
- Soares, B., & Colossi, P. M. (2016). Transições no ciclo de vida familiar: a perspectiva paterna frente ao processo de transição para a parentalidade. *Barbarói*, 48, 253-276. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i48.6942>
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193818625013.pdf>
- Trage, F. T., & Donelli, T. M. S. (2020). Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. *Barbarói*, 57, 141-164. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14263>
- Torrez-Cruz, D., Aznar-Martínez, B., & Pérez-Testor, C. (2021). Impact of the COVID-19 Confinement on Couple Satisfaction and Sexuality. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 1-13. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2021.1998271>
- Velho, G. (1987). *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Zahar.
- Vieira, P. R., Garcia, L. P., & Maciel, E. L. N. (2020). Isolamento social e o aumento da violência doméstica: O que isso nos revela? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, e200033. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200033>
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.

<https://www.scielo.br/j/ptp/a/CJVRspHg8yj8CBKz7RDWDgy/?format=pdf&lang=pt>

- Williamson, H. C. (2021). Early effects of the COVID-19 pandemic on relationship satisfaction and attributions. *APS Observer*, 34(1), 12–13. <https://doi.org/10.1177/0956797620972688>
- Winnicott, D. W. (2001). O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In D.W. Winnicott, D.W. *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 3-20). Martins Fontes. (Originalmente publicada em 1958).
- Zornig, S. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382010000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010)

## Anexo I

### Ficha de Avaliação Biográfica

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**Estado Civil:** Casado(a)  Recasado(a)

**Tempo do relacionamento:** \_\_\_\_\_

**Profissão:** \_\_\_\_\_

**Escolaridade:**

Ensino Fundamental incompleto  completo

Ensino Médio (2º grau) incompleto  completo

Ensino Superior (graduação) incompleto  completo

Curso: \_\_\_\_\_

Especialização  Mestrado  Doutorado

**Cônjuge:**

Idade: \_\_\_\_\_ anos

Profissão: \_\_\_\_\_

**Escolaridade:**

Ensino Fundamental incompleto  completo

Ensino Médio (2º grau) incompleto  completo

Ensino Superior (graduação) incompleto  completo

Curso: \_\_\_\_\_

Especialização  Mestrado  Doutorado

**Filhos** - F  M  idade \_\_\_\_\_ F  M  idade \_\_\_\_\_ F  M

idade \_\_\_\_\_

**Nível socioeconômico da família:** Alto  Médio-Alto  Médio

Médio-Baixo  Baixo

**Tipo de configuração da família de origem (onde você cresceu):**

Heteroparental (pais heterossexuais)

Casada  Separada  Recasada  Monoparental (com a presença de apenas um dos pais)

Homoparental (pais homossexuais)

Casada  Separada  Recasada  Monoparental (com a presença de apenas um dos pais)

## Anexo II

### Roteiro da Entrevista

Eixo 1: Exercício dos papéis parentais:

- Como está sendo ser pai para você?
- Como foi o momento em que se sentiu pai a primeira vez?
- Como é seu dia a dia com o(a) filho(a)?
- Qual foi seu maior desafio da paternidade até o momento?

Eixo 2: Transmissão geracional da paternidade:

- E sobre seu próprio pai, como ele era com você?
- Existe algo na sua paternidade que você gostaria de fazer diferente do que foi com você?
- Quais características de seu pai você gostaria que seu(sua) filho(a) desenvolva? Quais gostaria que ele(a) não repetisse?

Eixo 3: Impactos do nascimento do primeiro filho na conjugalidade:

- O nascimento do seu filho trouxe alguma mudança para seu relacionamento com sua mulher?
- Como vocês tomam as decisões sobre seu(sua) filho(a)?
- O que fazem para resolver os conflitos, caso surjam?
- Como era intimidade do casal antes do nascimento do filho? E após? (Perguntar sobre o sexo, caso não surja espontaneamente)

Tem mais alguma coisa sobre este tema que você gostaria de falar e eu não perguntei?



## Anexo III

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

**Instituição:** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Título da pesquisa:** Vivências paternas na transição da conjugalidade para parentalidade

**Pesquisadora:** Alessandra Furtado Teixeira Halkjaer-Lassen

Email: alessandralassen@gmail.com

Telefone: (21) 98341-3400

**Orientadora:** Terezinha Féres-Carneiro

Email: teferca@puc-rio.com.br

Telefone: (21) 99111-0180

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como objetivo geral estudar vivências paternas na fase de transição da conjugalidade para a parentalidade sob a perspectiva de pais primíparos, com idades entre 25 (vinte e cinco) e 40 (quarenta) anos, com filhos(as) de idades entre seis meses e 02 (dois) anos. A justificativa desta pesquisa deve-se à necessidade de ampliação de estudos a partir da ótica paterna, visando contribuir para a compreensão de aspectos da paternidade contemporânea, além de trazer subsídios para a prática clínica com famílias e casais.

A pesquisa será realizada virtualmente (*online*) a partir de uma entrevista individual, com tempo médio de uma hora, gravada e, posteriormente, transcrita. A plataforma virtual, a data, a hora e o tempo de duração da entrevista estão sujeitos à disponibilidade e conveniência do participante. Todos os dados de identificação permanecerão sob a responsabilidade da pesquisadora, sendo utilizados apenas com finalidade científica. Todas as informações têm caráter confidencial, mantendo-se em sigilo a sua identidade. Seu nome e o de todos os indivíduos mencionados na entrevista serão substituídos por outros, fictícios. Após o término desta investigação, as gravações das entrevistas serão apagadas. O material transcrito ficará armazenado em local seguro e sigiloso, na residência da pesquisadora, por cinco anos, sob a sua responsabilidade.

Sua participação é voluntária e você estará livre para fazer as perguntas que julgar necessárias; interromper a entrevista quando assim desejar; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que possam causar qualquer tipo de constrangimento. Caso você se recuse a participar ou decida interromper a sua participação, você não sofrerá qualquer penalização ou constrangimento por essa decisão e não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora e com a instituição.

Considera-se que os procedimentos utilizados oferecem risco mínimo à sua saúde e sua dignidade. Contudo, caso haja algum desconforto psicológico, como se sentir mobilizado durante a entrevista, a pesquisadora estará preparada para o

manejo da situação e, se for o caso, para interromper o procedimento. E caso sinta necessidade, a pesquisadora poderá sugerir o encaminhamento para atendimento psicológico.

Aparentemente você não terá nenhum benefício direto, não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa e não receberá nenhum pagamento por sua participação. Entretanto, espera-se converter os resultados desse trabalho em ações benéficas para a sociedade, sobretudo para a pesquisa e atuação clínica com famílias. Você poderá ter acesso aos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo. Além disso, ao participar da entrevista, terá a oportunidade de refletir sobre as questões levantadas e como elas afetam a sua vida. Se assim desejar, os resultados gerais da pesquisa serão enviados para o seu e-mail.

Ao participar desta investigação, você estará contribuindo para o aprofundamento nos estudos sobre o exercício da paternidade contemporânea. Em caso de dúvidas, poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, com a professora orientadora ou, ainda, com a Câmara de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CEPq PUC-Rio), no endereço Rua Marquês de São Vicente, 225, Edifício Kennedy, Gávea, 22453-900, Rio de Janeiro – RJ, número de telefone: (021) 3527-1618. A CEPq PUC-Rio é a instância da Universidade que faz a revisão ética dos projetos de seus professores, pesquisadores e discentes, quando solicitada.

Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, autorizando a utilização das informações prestadas para ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada sua identidade e a dos membros da sua família.

Considerando que a pesquisa será realizada virtualmente, este termo será encaminhado por e-mail, em formato de documento do Word. Como forma de registrar seu consentimento você poderá salvá-lo em seu computador. Após assinalar uma das opções que se seguem, envie, por favor, o termo assinado para o e-mail da pesquisadora ([alessandralassen@gmail.com](mailto:alessandralassen@gmail.com)), a partir de seu próprio endereço eletrônico. Nos termos do art. 2.5 da Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS consta que a resposta à entrevista será considerada anuência.

Assinale, por favor, uma das opções abaixo:

Declaro que fui informado sobre a pesquisa acima referida e compreendi seus objetivos. Estou concordando voluntariamente com este termo, o que indica que concordo com minha participação nesta pesquisa.

Não concordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o que indica que não quero participar desta pesquisa.

Assinale, por favor, uma das opções abaixo:

Concordo com a gravação

Não concordo com a gravação

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.